



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

VANIA BATISTA MELO

**DO SANGUE QUE ESCRIVEMOS: EPISTEMOLOGIAS
NEGRO-FEMININAS EM “SÓ AS MULHERES SANGRAM” DE LIA
VIEIRA**

Salvador
2021

VANIA BATISTA MELO

**DO SANGUE QUE ESCRIVEMOS: EPISTEMOLOGIAS
NEGRO-FEMININAS “EM SÓ AS MULHERES SANGRAM” DE LIA
VIEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Literatura e Cultura – Estudos de Teorias e Representações Literárias e Culturais.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Livia Maria Natália dos Santos.

Salvador
2021

Melo, Vania Batista.

Do sangue que escrevemos: epistemologias negro-femininas em “Só as mulheres sangram” de Lia Vieira / Vania Batista Melo. - 2021.

87 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Livia Maria Natália de Souza Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Literatura brasileira - Escritoras negras - História e crítica. 2. Contos brasileiros - Escritoras negras - História e crítica. 3. Negras na literatura. 4. Negras - Narrativas pessoais. 5. Negras - Identidade racial. 6. Vieira, Lia, 1958- - Crítica e interpretação. 7. Vieira, Lia, 1958- - Estilo literário. 8. Vieira, Lia, 1958- - Autoria. I. Santos, Livia Maria Natália de Souza. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 809
CDU - 82.09

Banca examinadora:

Professora Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Maria Natália dos Santos (PPGLITCULT /UFBA)

Examinador Interno: Prof.^a Dr.^a Denise Carrascosa França (PPGLITCULT /UFBA)

Examinador Externo: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Santiago (Pós-graduação do CFP/UFRB)

Dedico este trabalho à minha mainha Maria Rosália Batista, primeira pessoa que me contou histórias, primeira pessoa a quem eu contei histórias. Sinto uma felicidade imensa por ser filha de uma mulher que *Orisha* escolheu para ser Mãe de tantas outras pessoas. Minha primeira referência de mulher preta é minha mainha. Dedicando este trabalho a ela, sinto que dedico também a cada mulher preta.

AGRADECIMENTOS

À Ancestralidade que torna possível cada linha, cada continuidade e pausa deste trabalho que começou num Tempo intangível e que não cessará de continuar cada vez que for lido.

À minha mainha Maria Rosália Batista porque tudo que sou, vivo e faço é também por ela. Porque me deu vida, porque é minha inspiração e minha melhor amiga. Por todas as noites insones, por cada trabalho pesado por horas a fio para que eu tivesse o melhor e tudo o que fosse possível, por ser a primeira a ouvir meus poemas. Por ter garantido a minha inscrição no mestrado quando os tempos eram ainda mais difíceis em tantos aspectos, e eu quase desisti. Por estar aqui comigo sempre e eu com ela. Obrigada, mainha, sua bênção! Eu te amo!

Ao meu painho que me incentivou à leitura, aos estudos, que esteve presente em cada passo que dei em direção aos meus objetivos; que me deu a notícia de que eu havia sido aprovada no vestibular e que viu, do *Òrun*, a minha formatura três anos depois. Sei que Roberto Gonzaga de Mello está aqui porque o tempo e os espaços estão em confluência em cada encruzilhada e assim caminha a vida. Obrigada, painho, eu te amo!

Ao Amor que não é novo porque anda com Tempo, dengo que me acompanha companheiro, o homem com quem aprendo e que me permite ensiná-lo; trocamos, nos damos todos os dias o melhor de nós, em nós. Obrigada, Carlos Leleco, Carlos Leandro Pinheiro, por tudo o que você é em minha vida!

À amiga querida Hildália Fernandes que me mostrou caminhos, possibilidades e me deu seu colo tantas vezes neste processo, antes e sempre.

À orientadora Lívia Natália pelos aprendizados que me possibilitou desde a minha graduação, há quase vinte anos, quando a conheci como professora e depois como escritora. Que nossos caminhos sempre se cruzem com afeto! Que mamãe *Òsun* a proteja todos os dias da vida dela!

Àwà ní ibí tí àwà lònì, nítòrípè à dúró léjìkà, awò n' tí wòn wa síwàjú wà.
(Estamos onde estamos hoje porque estamos sobre os ombros daqueles que vieram antes de nós.)

Provérbio Iorubá

RESUMO

A partir das leitura e análise do livro de contos *Só as mulheres Sangram*, da autora Lia Vieira (2011), utilizando como chave de leitura, conceito e caminho metodológico a escrevivência, conceito da autora Conceição Evaristo (2008), este trabalho propõe o conceito *Escreviver com èjè*, sangue ancestral que perpassa de modo muito específico as veias, os corpos, as vidas de mulheres negras. O estudo está desenvolve-se a partir da análise da autorrepresentação na literatura negro-feminina na obra. Proponho, aqui, num entendimento ancestral preto de que nós mulheres somos muitas, e muitas são as nossas vivências, porém, para além de nossos atravessamentos e subjetividades, o entendimento interseccional de que nossas experiências em comum também se dão socialmente nos trazem a perspectiva desse agenciamento coletivo, desse sangue compartilhado que é também preto como a cor de nossa pele, nas nossas formas muito específicas de sangrar. Lia Vieira traz um compromisso com questões raciais e mostra isso em suas obras propondo novas formas de existir, repensando as existências e propondo novos olhares. A partir desta compreensão, pensaremos *escreviver* com *èjè* enquanto categoria epistemológica de Ancestralidade, que desautoriza os signos que nos foram impostos como violência epistêmica, como nos traz Nilma Lino Gomes (2010). Ancestralidade que está além do que se entende tradicionalmente como tempo, porque não segue em linha reta, atravessa as contagens, encontra-se e dispersa em suas encruzilhadas, é o tempo através dos tempos, o aqui e o ontem atravessados, girando em espiral, como nos traz Leda Maria Martins (2002). O tempo, o sangue, a vida que se escreve feminina e preta são ancestrais, assim como precisam ser as nossas referências, nossas epistemologias; e a literatura negro-feminina é uma ferramenta importantíssima para colaborar na disseminação dessa consciência, dessa vida que está, como nos ensina Conceição Evaristo, comprometida com a escrita.

Palavras-chave: Ancestralidade. Escrevivência. Escreviver com *èjè*. Literatura negro-feminina. Epistemologias pretas.

ABSTRACT

From the reading and analysis of the book of short stories *Only women Sangram*, by Lia Vieira (2011), using as a key to reading, concept and methodological path, writing, a concept by author Conceição Evaristo (2008), this work proposes the concept I write with *èjè*, ancestral blood that runs through the veins, the bodies, the lives of black women in a very specific way. The study is developed from the analysis of self-representation in black-female literature in the work. I propose here, in a black ancestral understanding that we women are many, and our experiences are many, however, beyond our crossings and subjectivities, the intersectional understanding that our common experiences also occur socially brings us the perspective of this collective agency, of that shared blood that is also black as the color of our skin, in our very specific ways of bleeding. Lia Vieira brings a commitment to racial issues and shows this in her works by proposing new ways of existing, rethinking existence and proposing new perspectives. Based on this understanding, we will think of writing with *'jè* as an epistemological category of Ancestrality, which disallows the signs that were imposed on us as epistemic violence, as Nilma Lino Gomes (2010) brings us. Ancestry that is beyond what is traditionally understood as time, because it does not follow a straight line, crosses the counts, meets and disperses at its crossroads, it is time through time, here and yesterday crossed, spinning in a spiral, as Leda Maria Martins (2002) brings us. Time, blood, life written in black and female are ancestral, as must be our references, our epistemologies; and black-female literature is an extremely important tool to collaborate in the dissemination of this awareness, of this life that is, as Conceição Evaristo teaches us, committed to writing.

Keywords: Ancestrality. *Escrevivência*. Write with *èjè*. Black female literature. Black epistemologies.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 DO SANGUE DINÁSTICO | 18 |
| 2.1 LITERATURA NEGRO-FEMININA QUE SANGRA E ESCREVIVE | 26 |
| 3 DO SANGUE HERDADO: ANCESTRALIDADE E INSUBMISSÃO | 37 |
| 3.1 O AMOR COMO INSUBMISSÃO | 39 |
| 3.2 <i>ÈJÈ ÌYÁMI</i> : QUEM ESCREVIVE, SANGRA E REGE - MATRIFOCALIDADE..... | 51 |
| 4 DO SANGUE DERRAMADO | 56 |
| 4.1 O LAÇO DE SANGUE QUE NOS UNE É A COR DA PELE: COMUNIDADES NEGRAS | 57 |
| 4.2 <i>ÈJÈ</i> DAVIDA E DA MORTE ENTRE OS TEMPOS – OS CAPITÃES DO MATO ESTÃO FARDADOS..... | 65 |
| 4.3 “EU AINDA SOU O GURI” E A PELE- <i>ÈJÈ</i> ME SANGRA: UMA DAS FORMAS DE PRESENÇA DA MÃE..... | 75 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU RECOMEÇOS CÍCLICOS: É TEMPO DE EPISTEMOLOGIAS PRETAS - NOSSO SANGUE, NOSSA ESCRITA, NOSSA INSUBMISSÃO | 80 |
| REFERÊNCIAS | 83 |

1 INTRODUÇÃO

Há muito, lemos, ouvimos e contamos histórias. Mas quais histórias, sobre quais temas e quem as narra? Quando exatamente esse gesto de contar e produzir histórias começa? E mais: de que forma contribui para a formação da consciência de nossas identidades à medida que nos representa(ria)? Quais grupos produzem e quais são atingidos? Quais epistemologias elas erguem? Se consultamos nossas histórias de uma infância, quantas entre elas nos guiam a um legado que nos move na direção dos nossos, das nossas? Que alcance ganham a ponto de converterem-se, em filmes, músicas, em mais histórias em diversos suportes? Quando fazemos essa busca, sem muito esforço, encontramos uma produção majoritariamente branca, masculina, e quando essas histórias têm mulheres como protagonistas, a maioria é branca, estrategicamente escolhidas por um padrão eurocêntrico de “beleza”. Perguntamo-nos: onde, quando figura a mulher preta em toda essa construção literária? Em lugares também estrategicamente pensados por um prolongamento de um pensamento colonial que se quer hegemônico e doutrinador, para representar papéis arbitrariamente escolhidos e que objetivam a manutenção dos preconceitos, a partir da sexualização, da escravização e demais violências.

Os investimentos racistas que colaboram para o prolongamento e sustentação da separação do continente-Mãe afeta, em diversos níveis, o distanciamento constante de si frequente e perversamente atualizado como um empreendimento que objetiva o afastamento diário de nossas histórias, o afastamento da consciência dos inícios de nossa formação enquanto povo, desse agenciamento coletivo que envolve cor preta e, principalmente, o ser mulher preta tão perversamente atingido por frequentes ataques que investem na retirada de nossos direitos e autoafeto.

Estamos escrevendo há muito tempo, se pensarmos cronologicamente, e há mais tempo ainda quando entendemos que nossas produções intelectuais integram, principalmente, um tempo ancestral que é aqui e em todos os lugares onde nossas vozes fazem-se presente. A cada dia em que voltamo-nos para nossas afro-heranças e nos permitimos a compreensão de que somos pretas e pretos que escrevem na diáspora, chegamos mais perto de uma escrita que caminha pelas encruzilhadas, que cruza o tempo porque conhece os nossos passos e contribui para o prolongamento desses caminhos. Quando escrevo *nós*, não penso em contribuir para uma visão fantástica de que somos todos uma grande comunidade preta que quer viver África no Brasil; assim não o faço, porque entendo que somos diferentes em nossas individualidades, únicos e específicos em nossos atravessamentos mais particulares; ao passo que também compreendo que viemos nós, pretas e pretos, de um mesmo continente, uma mesma barriga-

África que legou ao nosso sangue e às nossas vivências histórias em comum, mas isso não faz de nós uma comunidade africana, até porque não estamos geograficamente lá, mas nos faz irmanados em nosso sangue primeiro: a cor da nossa pele.

São muitos e amplos os caminhos que nos conduzem a nós mesmos a partir dos nossos, das nossas, das que vieram antes. A consciência-memória faz-se a partir das nossas histórias, que conduzem a esse sentimento de pertença, que nos dá a dimensão do que precisamos rever, refazer; o construir atenta, atento, a partir da compreensão de que nós pretas e pretos nunca escreveremos sozinhas, sozinhos; há uma linhagem, uma dinastia que compõem um legado rico e antigo, antes de qualquer contagem de tempo como o conhecemos, pois transcende as lógicas limitantes do que não abarca nossas epistemologias, as cosmogonias que se organizam em *şiré* que girará sempre e além, que compõe todas as vidas que estão antes e ao mesmo tempo aqui: *Òrun* e *Àiyé*, além dos nossos atravessamentos muito particulares, porque é ancestral. Este caminho composto por espirais e encruzilhadas da não linearidade temporal, exige de nós o empreendimento de uma análise das bases de representação em que se sustentam os discursos de nossos autores e autoras; uma investigação da escrita com vistas a compreender a construção estética, os adentramentos psíquicos e demais constituintes de personagens que se confundem com nossas próprias histórias.

Estender-nos-emos na investigação, na construção, no entendimento de nossas multiplicidades alcançadas apenas por nós mesmos através do exercício inalienável e intrasferível de representação das vivências que reconhecemos por ser exercício de uma convivência que não implica proximidade física, mas uma relação cada vez mais íntima no reconhecimento entre nós; compreenderemos agora e para as próximas sementes deixadas aos nossos mais novos e mais novas que a autorrepresentação é potente instrumento passado de mão em mão em escrita das negro-vivências femininas, porque assim opera rasuras e instaura mudanças, porque gera as possibilidades de autorrepresentações e inaugura uma vida possível a todas nós para que saibamos que para entendermos quem somos e quais são os caminhos a seguir, precisamos compreender de onde viemos e que escrevemos a milhões de mãos afro-herdadas.

Produzimos histórias que há muito tempo, e cada vez mais, pelos nossos próprios esforços, vem ganhando seu espaço na literatura brasileira; essa escrita que traz para si a coletividade, a nossa fala autorrepresentativa; as histórias sobre nós, por nós: escrevivência (EVARISTO, 2001).

Contar histórias é, para nós, um gesto ancestral, mas fomos impedidos de vivenciá-lo

por conta das violências epistêmicas que nos impuseram histórias que nada dizem sobre nós. A autora Conceição Evaristo vem nos mostrando que nós, mulheres pretas, inauguramos essa performance, esse gesto de autorrepresentação que vem crescendo e possibilitando escrita de vivências diversas, nos fez também compreender a necessidade que nós mulheres pretas temos, a urgência-direito de contarmo-nos, urgência primeira de permanecermos e mantermos as nossas mais novas vivas também a partir de nossos relatos. Conceição Evaristo vem nos ensinando que muitas antes dela já escreviam, que tantas entre nós escrevem e já que, nas letras de seus escritos, “combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”¹, o exercício da escrita das vivências negro-femininas insiste, mantem-se vivo.

Seguindo pelos caminhos da escrevivência, como citado pela própria Conceição Evaristo ao tratar das autoras pretas que produzem, com a consciência da autorrepresentação, conheci a autora Lia Vieira e chamou-me a atenção a construção de suas personagens na obra *Só as Mulheres Sangram* (2011). Mas não apenas Lia Vieira. Pela escrevivência leremos também a Conceição Evaristo, leremos a mim, e a todas as mulheres pretas (porque, ainda que não esteja explicitado no título da obra de Vieira, o (re)conhecimento das personagens nos conduz, de forma muito direta, à pele preta de todas elas e, em alguns momentos, à irmandade que se estabelece num pacto entre nós leitoras e também da autora com os homens e meninos pretos que também surgem na obra sem apagar a nossa presença). *Só as Mulheres Sangram* (2011) ensina-nos que a escrevivência sangra de formas múltiplas em cada página de nossas negro-vivências; e é pensando a partir dessa categoria *sangue* que, neste trabalho, leremos a obra em questão: a partir da urgência de empreender as análises das personagens negro-femininas representadas por uma mulher preta em um exercício de representação de uma vida que poderia ser a de muitas mulheres pretas, uma escrita que sangra. Sangue de mulheres pretas. (Neste momento e sempre, peço licença e a bênção às minhas mais velhas, meus mais velhos e também aos mais novos e mais novas)

Se nós, mulheres pretas, estamos irmanadas pela nossa cor, se sangramos de várias formas e isso nos identifica, nos une, este sangue é preto. Nosso sangue é a cor de nossa pele, é ancestral como nosso *orí*, porque vai além da nossa cabeça. Nosso sangue é o *èjè* que vai além das nossas veias, entre encruzilhadas e espirais, percorre, com *àsè*, nosso corpo inteiro mostra-se e se reconhece na nossa pele preta.

Inauguro e empreendo aqui um estudo que investe em escrever com *èjè* enquanto

¹Desde a publicação da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2015) e, sobretudo, após as eleições presidenciais de 2018, essa frase, extraída do conto *A gente combinamos de não morrer* (p.107), foi citada, repetida, parafrazeada e tornou-se um grito de força entre as militâncias pretas e femininas no Brasil.

categoria epistêmica de Ancestralidade, para uma escrevivência que já nasce negro-feminina. Porque ainda que todas as mulheres sangrem, o foco discursivo do livro de Lia Vieira (2011), como já citado, traz, em cada conto, as vivências negro-femininas.

Diversificada em sua abordagem, mas sempre visando a reivindicações, protestos e luta, Vieira nos dá a perspectiva de uma intelectual orgânica (GRAMSCI, 1968), uma mulher que milita em cada setor da sociedade em que atua e traz muito sobre isso em suas personagens. Em três dos nove contos da obra, mulheres pretas não aparecem diretamente, mas estão ali também nas ausências que flagra e denuncia a tentativa de apagamento, de invisibilização que a sociedade nos impõe, mas estamos nos discursos da autora, persistimos nesse agenciamento coletivo que ela propõe.

O entendimento da escrita preta feminina autorrepresentativa, do sangue em que se inscreve, da compreensão desse agenciamento de escrita a partir da Ancestralidade gerou aqui, neste trabalho, o estudo de duas categorias epistêmicas que se fundem: uma é o conceito de escrevivência criado, desenvolvido e trabalhado nas histórias que aprendemos com a escritora Conceição Evaristo – histórias que trazem no texto da mulher preta, o entendimento de que nosso lugar de fala é exercitado na literatura através da autorrepresentação de nossas vivências; essa multiplicidade de vidas visa uma leitura justa de nós mesmas, que lutamos contra as inferiorizações e subalternidades produzidas pela literatura tradicional brasileira através do tempo. O outro conceito é o sangue, *èjè* que percorre em ânimo o corpo porque tem *àsẹ*, que não é sangue como todos, mas o sangue de todos os inícios, o sangue que move o corpo e ao mesmo tempo o espírito, o sangue ancestral que justamente por ser preto não se pode guiar por epistemologias outras que não tenham relação com a Ancestralidade, ao que inevitavelmente nos une: de onde viemos. Somos mulheres pretas. Somos feitas desse sangue negro que também é a cor de nossa pele, é *èjè*.

A escrevivência, além de uma teoria, um conceito e uma metodologia, será aqui também, uma estratégia de sobrevivência a partir do direito de contarmos as nossas próprias histórias. O *èjè* carrega o *àsẹ*, a energia vital e ancestral que nos inicia. Mas entendamos que esse mesmo sangue é derramado, findado muitas e tantas vezes pelo racismo. Pelo mesmo motivo: somos pretas; sangue que é tão diferente do branco que nunca é derramado pelas mesmas motivações históricas e raciais; esse sangue com o qual nós, mulheres pretas, escrevivemos.

Em diversos momentos deste trabalho, utilizei-me de nomenclaturas, terminologias e referências em Iorubá, por entender que alguns sistemas linguísticos dizem mais e melhor da

Ancestralidade e qualquer tradução não daria conta de uma correlação específica ou mesmo da manutenção do sentido da palavra. A palavra *orí* aparece em diversos momentos deste trabalho; seja a palavra ou ela enquanto formação de outras como *oríkì*, *Òrìṣà*. O mesmo ocorre com a palavra *ìyá* que possui um sentido que perpassa a hereditariedade, uma referência maior; referência que a dinastia traz ao longo dos milênios e que definitivamente reconfigura e amplia o sentido de família e comunidade. Sendo assim, esses e outros termos não carecem de tradução ou se permitem redução em seus sentidos, pois já são de *per se* irredutíveis, são a Ancestralidade na diáspora.

A seção *Do sangue dinástico* traz uma visão preta sobre um termo que nos chegou branco, masculino, eurocêntrico: dinastia. Mas como isso pode ser perpetuado em tantas mentes até os dias de hoje se entre as primeiras dinastias estão africanas e africanos? Essa seção trará parte do histórico da minha formação enquanto mulher preta; metodologicamente escrevo e divido a experiência da presença das histórias pretas desde as músicas que ouvia na infância, passando pela escola e pela experiência acadêmica.

Sabemos que a escrita das vivências assim como nos apresentou Carolina Maria de Jesus, está comprometida com a vida: aproxima-nos de outras tantas mulheres pretas que se veem representadas: elas escutam, leem, produzem esses escritos principalmente pelas suas vivências e conhecimentos, autoafirmando e reafirmando a importância de uma escrita de mulheres pretas. Mas como essas histórias são formatadas na diáspora, quais epistemologias erguemos? A seção prossegue entrecortada pelas análises da escrevivência de Conceição Evaristo, das escritas que nos conduzem aos caminhos das nossas, da produção de Lia Vieira, dos fluxos dos contos do livro, *Só as Mulheres Sangram*, dando ênfase à proposta deste trabalho que vem da urgência dessa autorrepresentação na escrita literária a partir da escrevivência com *èjẹ*, preto, desde a cor de nossa pele; *èjẹ* que as mulheres pretas sangram de forma muito particular e, a partir também do entendimento da interseccionalidade, podemos compreender que se trata de um agenciamento coletivo.

A seção intitulada *Do sangue herdado* tratará a Ancestralidade enquanto epistemologia que diz tanto da mulher preta. *Ìtàn*, provérbios, histórias. A mulher para a sociedade a partir da imagem da *Òrìṣà Ọṣun*, às *Ìyá àgbà* dentro dos fluxos dos contos do livro que está sendo trabalhado. O foco dessa seção são a Ancestralidade e a insubmissão da mulher preta, o direito de ser amada, de amar e a matripotência nos contos.

A seção *Do sangue derramado* surge pela urgência de nossos relatos, reivindicações e luta pela importância das vidas pretas. Traz a outra forma de presença da mãe: a ausência de

seu corpo físico, mas a presença dos filhos, das filhas que a sociedade racista tanto violenta, mata. Essa seção nos conduz a tantas teorias, correntes, conceitos como feminismo negro, mulherismo, dororidade, interseccionalidade e, de forma destacada, como venho fazendo desde o início deste trabalho, a Ancestralidade que nos garante um compromisso com as identidades afro-herdadas no entendimento do nosso sangue e da escrita de nossas vivências. Trará uma perspectiva sobre tempo e a insubmissão da escrita negro-feminina nesse contexto de morte, de genocídio da população preta.

Em sua abordagem sobre Tempo espiralar, a professora Leda Maria Martins (2002) alerta-nos sobre o rico campo de investigação em que se configuram as performances rituais afro-americanas. Não somos uma nova África, mas um povo que, entre perdas, lacunas da memória e manutenções, vem formatando, na diáspora, estratégias de formação de uma memória de maior duração para as próximas gerações além de um farto aparato de sustentação dessas riquezas culturais e étnicas por meio da literatura.

Martins (2002) trata do tempo de modo a conduzir-nos, a partir da Ancestralidade à noção de que ele se move de forma não linear e, nos caminhos de suas encruzilhadas, ele dança, unindo todos os espaços e cronologias num momento do agora que é entendido como num pacto feito entre nós e as cosmogonias africanas, nós na diáspora negando qualquer outra epistemologia que não faça ref(ve)erência a nosso povo. O que não nos contempla não pode nos representar. *Òrìṣà* dança e canta através dos tempos, não podemos pensar linearmente o que nos foi legado dentro das encruzilhadas. Esta seção traz uma abordagem que se demora também em pensar que, através dos tempos, a violência que atinge nossos corpos pretos não cessa; atualiza-se de modo perverso e que se movem entre colonos, capitães do mato e todas as instâncias de poder social que nos tem como alvo e que nos mata de todas as formas.

Deste modo, dá-se o nosso estudo sobre escrever com *èjè* enquanto um legado ancestral nos contos de *Só as Mulheres Sangram*: o entendimento de que o nosso sangue é a continuidade da cor da nossa pele e, por isso, assim escrevemos. Escrever com *èjè* diz de nós mulheres negras em nossas identidades performadas na diáspora; é uma forma de, a partir da formatação de nossos discursos em sociedade e em várias áreas do conhecimento, mantermos vivas, uma forma-defesa, mas antes disso uma forma de erguer nossas epistemologias de modo a preenchermos antigas e formamos novas memórias com histórias que nos representam; sustentarmos as nossas riquezas legadas do nosso continente, de nossas origens. Esse sentimento de pertença e a consciência de que somos, ainda que separados pela diáspora e por culturas que se estendem desde a colonização brasileira, resistência. Conhecendo a nossa

história, construindo-a na diáspora, somos representadas de forma mais íntegra e condizente com quem somos; por nós, e também a partir de nossos ancestrais e, fazendo esse movimento de Sankofa, conseguiremos seguir em frente, indo em nossa própria direção. Preciso avisar que este trabalho tem muitas reticências; e refiro-me mesmo à pontuação. É de sangue esta vida preta. Às vezes, fica difícil não pausar para buscar novas estratégias, mas, logo após as pausas, seguimos, não vamos parar.

2 DO SANGUE DINÁSTICO

Èṣù - o *Òrìṣà* dos caminhos, do movimento e da comunicação. Não é à toa que no *àṣẹ* começamos com ele. São muitos os caminhos pelos quais os povos negros passaram seja pela violência da diáspora negra que espalhou nosso sangue por todo o mundo, seja pelos destinos percorridos com as histórias contadas por *Djelis* e *Griots*²: comunicação é ferramenta fundante para a interação que se dá de diversos modos - historicamente elaborada e especialíssima quando se trata de nós, povo negro, de geração em geração, nossas ascendências, nossas dinastias pretas.

Aos seis ou oito anos de idade, a antiga vitrola da minha casa, nos meados dos anos oitenta, apresentava-me à cantora baiana Margareth Menezes ou talvez aos rastros dela. Margareth canta(va) famosas músicas do bloco afro Olodum e canções autorais sobre as histórias dos povos negros em todo o mundo, sobre a mulher dentro dessas histórias e sobre como tudo isso está sempre marcado por sangue: fundamento religioso que nos afirma a muitos de nós enquanto filhas e filhos de Orixás; o que corre em nossas veias e nos inicia a vida, o que algumas de nós jorra todo mês; o que é derramado à nossa revelia pelas violências cotidianas e sistemáticas; a cor da pele que nos identifica pretas, pretos. É tudo sangue, é *ẹ̀jẹ̀* que nos liga ancestralmente.

Minha mãe dizia sobre a enorme importância das cantoras negras na história da música baiana, já que muitas têm um relevante papel na formação de um povo a partir do momento em que, dentro da sua função de artistas, nos conduzem, através da canção, para um mundo não só de significados e arte, esvaziando conceitos antigos e preestabelecidos para remontá-los em um mundo novo, mas também fazendo de seu ofício a voz que fala de uma vida que poderia ser a dos ouvintes, consumidores de arte, cidadãos e pessoas comuns que compartilham histórias e vivências possíveis.

Se muitas mulheres conseguiram (e vêm conseguindo através dos séculos) contar boa parte da história do povo preto a partir de sua arte, suas vivências, outras tantas, ainda que invisibilizadas pela história do Brasil, também assim fizeram e de forma urgente quando da

²Senhoras e senhores, principalmente da África Ocidental, detentores, pela experiência e vivências, de conhecimentos em diversas áreas que preservavam suas tradições contando histórias e aconselhando pessoas através de relatos, músicas e conhecimento sobre plantas, histórias dos seus povos entre outras.

ausência de liberdade do próprio corpo em épocas de escravidão do povo preto: Luísa Mahin é um marcante exemplo disso. Quituteira, mulher que trabalha com alimentos e os vende, está em contato direto e intenso com muitas pessoas. Mahin tinha em seu tabuleiro textos escritos em língua árabe que passava adiante para outras pessoas pretas, e, articulista contra a escravidão negra, esteve ativa em todas as revoltas baianas das primeiras décadas do século XIX. Porém história de Luísa Mahin foi apagada da história do Brasil: “Não existem registros oficiais de suas participações nos levantes baianos. O primeiro documento que descreve Luísa é uma carta do abolicionista endereçada ao jornalista Lúcio de Mendonça. A existência de Luísa Mahin é comprovada na descrição de seu filho Luís Gama.”³ De fato, seguimos por muitos dos nossos, das nossas; as histórias sempre foram contadas por opressores e temos avançado em nossas lutas e intentos por nossos esforços; nossas histórias são escritas e publicizadas por nós.

Movimento e palavra, quando aliados, conduzem discursos e ideais de libertação que ainda se fazem necessários. “Ecoam os estampidos/Rufar dos tambores do Olodum/Um tiro seco furando o cerco/Um pombo correio levando a canção/Espada do povo reggae/Conscientização/Venceremos de novo/Somos terra, água, fogo e ar/A transformação⁴”. Nós falando sobre nós.

Empoderamento, assunção do lugar de fala e direito ao agenciamento desse espaço são pautas muito presentes nos discursos de grupos excluídos dos processos de decisão e poder na sociedade brasileira, sobretudo em épocas de ditadura e discursos neonazistas dentro de uma política de governo que nem tenta ocultar o autoritarismo implantado após nosso, até então, mais recente ato democrático coletivo: o voto.

Uma pesquisa na internet, seja em blogs ou outras redes sociais, sobretudo nos três anos mais recentes nos mostrará, entre as principais palavras utilizadas para busca, o termo *empoderamento* cuja aplicação e uso, para muitas pessoas, acabou tornando-se corriqueiro ou aplicável a situações diversas, para muitos até esvaziada do seu sentido primeiro, mas ora, o que mesmo significa esse termo e que poder é esse tão necessário e que tantas pessoas perseguem? Berth (2018) nos presentearia com mais do que um conceito, uma rica abordagem que nos faz pensar *empoderamento* como parte principal de um discurso de minorias no poder que se faz urgente para reposicionarmos-nos dentro de uma sociedade que faz sangrar sobretudo mulheres negras e pobres desde que fomos arrastadas violentamente por mãos arbitrárias seja a

³ Disponível em <https://theintercept.com/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-historia/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

⁴ Trecho da música *Tiro seco*. Olodum, 1996.

escravizada de África para o Brasil a partir de 1500, seja Cláudia Silva Ferreira pela viatura da polícia carioca em 2014.

A intelectual Carla Akotirene, em seu livro “O que é interseccionalidade?” (2018) traz, dentro das reflexões acerca do feminismo negro, a interseccionalidade enquanto uma ferramenta teórica para articular questões raciais, de gênero e de classe para entender como se dão opressões muito específicas para que possamos compreender que se estruturam no cotidiano negro-feminino vivências atravessadas por questões que não figuram em outras instâncias por seus recortes específicos de raça e gênero, por exemplo. Sempre referenciando Crenshaw⁵ por conta do conceito em questão, Akotirene, no decorrer da obra, propõe a construção de ferramentas para compreender teoria e luta: “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. Às vezes oprimimos, mas às vezes somos opressores.” (AKOTIRENE, 2018, p. 15).

A desumanização com a qual negros e mulheres, sobretudo negras, vêm sofrendo é histórica. Não começamos a sangrar hoje, e o motivo, o injustificável é o mesmo, o racismo. Pensar interseccionalmente, nos alertam, em particular nas especificidades de sua obra, Berth (2018) e Akotirene (2018) e, de modo mais geral, toda teoria e militância através dos tempos em hooks, Hill Colins e Crenshaw, é um entendimento além da compreensão de um recorte de análise, mas a busca incessante por caminhos que nos levem à reparação histórica, visto que as cenas de racismo misógino, sobretudo com a população mais pobre, repete-se há séculos, reestrutura-se e atualiza-se perversamente.

“Temos sido infantilizados” como afirma Lélia Gonzalez (1984) em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*: “Infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa porque falada pelos adultos”, (p.) e, acrescento aqui, o que já sabemos, mas precisamos não esquecer: “adultos” aqui, na fala dela, são os racistas e perversos que pensam teorias que se desenrolam à nossa revelia, na tentativa de impedir-nos de exercer o que deveria ser primordial: o direito a contar a nossa própria história que está atravessada de dor e marcas de açoites nas costas e em todo o corpo e também essa dor ancestral que compartilhamos, mas também da nossa inteligência e beleza.

São muitas as vozes de mulheres que atuaram diretamente na História, seja através das articulações diretas em processos abolicionistas ou utilizando-se de ferramentas como a música e a Literatura Negra com suas construções, ficcionais ou não, e propostas estéticas como a

⁵Kimberlé Williams Crenshaw é uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça. Ela é professora da Faculdade de Direito da UCLA, defensora dos direitos civis americanos, fundadora do Centro de Interseccionalidade e Estudos de Política Social da Columbia Law School.

escrevivência que explora o universo subjetivo e psicológico de personagens negras, representadas em seus problemas, desejos, atuações diversas em sociedade. Escritoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Lia Vieira trazem-nos muito sobre o poder de gerenciar a própria fala, negando espaço a representações arbitrárias.

A escritora e intelectual negra Conceição Evaristo inaugura não apenas o termo *escrevivência*, mas instaura uma discursividade, tendo em vista que muito se produz e escreve a partir desse operador teórico que nos traz uma “escrita profundamente comprometida com a vida, com as vivências negro-femininas”.

Todas as subjetividades e os atravessamentos se constituem então, a partir do lugar que a mulher negra vivencia

Tenho dito que tudo o que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência. Escrevo uma vivência que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se (con)fundir com a minha. (EVARISTO, 2017, p.7).

Neste contexto, os conceitos de *escrevivência* – a escrita autorrepresentativa na literatura feminina e negra - (EVARISTO, 2005), assim como a *escrita negro-feminina* (SANTIAGO, 2012) atuam como movimento importante nas mentes de intelectuais, suas leitoras e sociedade como uma reação contra a violência em que o racismo se configura. Mas como se configura essa autorrepresentação? Quem a realiza também escrevivendo?

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Conceição Evaristo conclui citando algumas escritoras que seguem esse caminho da autoapresentação texto literário: mulheres de axé, ativistas, educadoras e escritoras, entre elas, Lia Vieira, pesquisadora e militante do movimento negro-feminino nos apresenta *Só as mulheres sangram* marcando que ela é “para as que vieram antes e usaram a fala, a escrita, a imaginação para burlar as regras e atravessam o limbo.”. E não se trata de uma novidade, visto que o histórico de produção literária e exercício do ativismo negro de Lia Vieira trazem essa

perspectiva da presença feminina na qual se percebe um rastro em que se verificam pistas que direcionam a leitura para autorrepresentação mencionada por Evaristo.

Lia Vieira escreve a partir desse gesto que aponta para essa vida que se afirma, que é militante, que conduz essa escritora, intelectual orgânica (GRAMSCI, 1968) é a partir também deste lugar que a intelectual negra e escritora se apresenta.

Na obra *Só as mulheres sangram* (2011), Vieira traz o comprometimento com um projeto de enegrecimento do foco discursivo, a partir de nove contos que narram a diversidade das vivências negro-femininas – são pobres, ricas, religiosas ou não, jovens, idosas, intelectuais em seus diferentes caminhos, delineando estratégias de saída das representações arbitrárias quando, para além das descrições de um corpo físico negro, são o adensamento na psique de suas personagens representando o cotidiano negro-feminino em toda sua diversidade e complexidade.

As informações disponíveis sobre Lia Vieira em mecanismos de pesquisa na internet não são muitas, alguns sites e páginas na internet repetem as mesmas informações mais básicas sobre vida e obra da autora; sabemos do pouco interesse motivado pelo preconceito em divulgar as escritas de mulheres negras; mas as personagens de Lia Vieira (2011), de mãos dadas, num grande coletivo de frente negro-feminina, ajudam a contar a sua história, e a minha também; a história de tantas entre nós, mulheres negras. Vamos construindo-nos, entendendo-nos e a Lia Vieira também pelas suas obras e pelo caminho forte e bonito que ela trilha. Lia Vieira surge em suas obras, a partir de suas falas de seu comprometimento de escrita.

Em entrevista cedida ao canal Pauta Rio⁶, no Youtube, em 2019, Lia Vieira nos ajudar a montar, entre suas histórias de infância, poemas e contos, a escrita das vivências que compõem a sua história, contribuindo para que, de algum modo entendamos também um pouco das histórias que nos são apresentadas em *Só as mulher sangram*.

Lia Vieira conta sobre quando era uma criança com nove anos, época em que ela tinha um diário, e como afirma a escritora, era muito comum as meninas terem diário e cadernos de respostas. Lia acrescenta contando sua mãe viu esse caderno fato que a deixou muito receosa por conta das suas particularidades. Pra seu espanto, a mãe leu e apoiou a iniciativa dela, atestando seu potencial de escritora tão jovem e impulsionando-a a seguir com sua escrita.

Lia Vieira nos presenteia com o relato de sua vida, contando ainda que das primeiras idas à biblioteca da escola onde estudava, saíram não apenas as primeiras leituras, mas também as primeiras redações e afirma que de tudo o que leu e vivenciou, estudou e observou saíram

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M8J7EY3gWdE>. Acesso em 25 de mai. 2021.

suas histórias e que, de acordo com ela, a literatura e ela estão num relacionamento sério; relacionamento que começa na infância, com o apoio dos nossos, com os primeiros passos para compreendermos que para escre(vi)ver sobre quem somos, precisamos compreender, a todo momento, de onde viemos e entender sobre a urgência de analisarmos o que pode ter acontecido conosco.

No ano de 2016, fui convidada para compor uma mesa num seminário-lançamento de uma revista acadêmica. A proposta, naquela mesa especificamente, era tratar do ensino de História e Cultura afro-brasileira nos currículos de Literatura de educação superior e básica. Hoje, em 2021, conto 18 anos de sala de aula como professora na educação básica, mais precisamente, ensino médio; tentei, por muitos destes 18 anos, libertar-me de uma história que sempre vinha à minha mente cada vez que a pauta era “como nós mulheres negras nos formamos politicamente e quais os fatores que envolviam essa formação”; tentei me desvencilhar quando não compreendia que voltar a esse processo de constituição me faria atravessar caminhos traumáticos e, talvez, irreparáveis da minha trajetória, das minhas vivências. Ao compreender que essas vivências não são apenas minhas e que estão incorporadas às vivências de outras mulheres, entendo que preciso compartilhar, então escrevivo.

Iniciei minhas falas algumas vezes, desde aquele seminário em 2016, da seguinte forma: “quando na antiga 6ª série, hoje 7º ano do ensino fundamental do ensino básico, eu e boa parte dos meus colegas de sala não sabíamos que o Egito ficava na África”. Narro que, na minha época de ensino fundamental II, o livro didático nunca esteve pronto para nós negros e nossas histórias, nossas culturas enquanto herança de predecessores ocultados da história oficial do país; quase nenhum entre os planejamentos, os livros didáticos e paradidáticos, qualquer que fosse a leitura, pouquíssimo ou nada, nunca auxiliariam no entendimento de uma palavra tão utilizada hoje, mas nem sempre bem investigada: empoderamento. Não sabíamos que tínhamos antepassados heroínas e heróis em todas as áreas do conhecimento e das artes, não sabíamos que seríamos intelectuais, pois nem sabíamos que existiam intelectuais negros.

Recuando ainda mais no tempo, quando criança, ainda mais nova que na época supracitada, meu pai gravava fitas-cassete com canções de Bob Marley, Peter Tosh e Gilberto Gil. Explicava que ídolos transformam a vida de pessoas e as conscientizam sobre o poder que elas têm, conclama-as à luta. Ainda lembro de minha mãe questionando sobre que capacidade de entendimento eu tinha para tudo aquilo, muitos ensinamentos e todos tão complexos para meus 5 ou 6 anos de idade; mas ela sempre fez a mesma coisa e na mesma medida que ele; ambos diziam: “agora você pode não entender totalmente, mas vai pesquisar, compreender e

recontar essas histórias”.

Demorou para que eu entendesse o porquê dos livros ocultarem aquilo que meus pais me contavam, mas no início da adolescência, auxiliada por eles, as pesquisas e as aulas que avançavam timidamente na proposta me fizeram questionar por que meus pais estavam à frente dos livros didáticos e literários. Eles estavam me empoderando porque me amavam e me viam como parte deles, mas o sistema educacional brasileiro temia meu adentramento em locais sociais tidos como “de alto nível”, minha tomada de mim mesma em plena propriedade de meu corpo, de meus direitos; os centros de poder que governavam nosso país temiam que eu me revoltasse contra ele enquanto eu lutava por mim, pelas minhas, pelos meus.

Muito tempo antes da lei 10.639, lei de diretrizes e bases da educação que inclui no currículo do escolar o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, tive, no ensino fundamental II, ainda início da década de 90, um professor de geografia que contribuiu de maneira marcante: “localizando-nos no mundo”; ele estava de fato enegrecendo sua ementa, pois muito do que ele nos ensinava sobre a história do nosso povo, não estava nos livros didáticos, além do fato de que vê-lo negro, cheio de conhecimento, motivava-nos e fazia com que, pelo exemplo, acreditássemos que os poucos negros que estudavam ali, naquela sala, poderiam fazer o mesmo. Eles mostrou-nos o Egito na África. Sim, representatividade importa e salva.

Minha geração de educadoras e educadores negros que estavam comprometidas/os com o enegrecimento das ementas dos componentes curriculares do ensino básico leu as professoras Geni Guimarães, que conheci em 1996 através da “Cor da ternura”(1989) e, definitivamente deixei-me formar professora pelas mãos dela; e Ana Célia da Silva (1995) e as metodologias desenvolvidas no Movimento Negro Unificado – MNU - na interferência em escolas, e demais ações que promovessem a inserção de negros conteúdos na educação dos jovens para mover, refazer percursos até então excludentes de livros didáticos epistemicidas.

E assim seguiram os livros por muito tempo, com algum avanço, mas ainda em estado inicial quanto aos conteúdos a serem abordados no tocante à história e às culturas afro-brasileiras; como na estética gravada em pedras, durante muito tempo tratada por pintura, em lugar de arte, para que não denunciasses, além de comunicações, a grandiosidade de nossos predecessores cientistas, artistas, agricultores, rainhas, educadoras africanas.

Precisamos da garantia do nosso lugar de fala, das nossas histórias no plural, nossas culturas no plural, precisamos combater as histórias únicas.

[...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para

expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. A escritora americana Alice Walker escreveu isso sobre seus parentes do sul que haviam se mudado para o norte. Ela os apresentou a um livro sobre a vida sulista que eles tinham deixado para trás. "Eles sentaram-se em volta, lendo o livro por si próprios, ouvindo-me ler o livro e um tipo de paraíso foi reconquistado." Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE, 2009, p. 5).

Por isso a necessidade de mover núcleos estabilizados de poder, por isso meu professor de geografia negro do ensino fundamental II, por isso a necessidade de criar leis que nos deem alguma garantia de mudança de postura e novas possibilidades para as ementas engessadas do sistema educacional brasileiro, por isso a necessidade de uma escrita que é vivência e que vai mostrar suas subjetividades narrando esses atravessamentos: mulheres e meninas ressignificando suas existências, suas experiências até então descritas de modo único e sem variáveis que subsumam adentramentos e especificidades físicas e psíquicas. Meninas negras precisam saber quem são para decidirem o que fazer, no que quiserem se tornar e como formar outras. Ubuntu! Há, nesta performance, o subtítulo do texto de Conceição Evaristo (2007): "um dos lugares de nascimento de minha escrita" e nos contos do livro de Lia Viera (2011) performando as origens deste sangue dinástico.

A identidade explicitada a partir da autorrepresentação (EVARISTO, 2005) é marcada pelas aspirações, sentimentos e experiências vivenciadas no espaço simbólico na literatura. A escrevivência é uma escrita de si e para a outra.

De acordo com a própria Evaristo (2020), a Escrevivência pode trazer nova proposta para que a teoria da literatura pense sobre seus conceitos. Até então, levando em conta os conceitos vigentes na teoria da literatura, Evaristo atuaria também enquanto instauradora de uma teoria, de uma discursividade (FOUCAULT, 1992); o subaltern(izad)o⁷, inscrito em uma Literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 1977) enquanto via de análise das produções biográficas. Mas como atua Evaristo e as demais escritoras negro-brasileiras na perspectiva da escrita de pretas narrando pretas histórias? Como esse gesto se particulariza na escrita negro-feminina?

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcisística, pois não é uma escrita que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala. Pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é de Oxum e de Iemanjá.

⁷ Spivak (2010) utiliza o termo *subalterno*. Optei pela escrita *subaltern(izad)o* para manter a referência ao termo utilizado pela autora, ao passo que proponho uma aproximação maior da escrita ao que ela de fato significa: pessoas que são oprimidas, inferiorizadas, subalternizadas; neste caso específico, por um julgamento que constitui violência epistêmica, no qual julga-se que o indivíduo não teria capacidade de agenciar sua própria fala.

(EVARISTO, 2020, p.38.)

A Escrivivência é conceito, teoria e caminho metodológico no mapa reescrito, ressignificado na diáspora que, utilizando-se de nossas epistemologias pretas, potencializa subjetividades e delinea perspectivas de saída das representações que são arbitrárias, pois perversas e depreciativas para com nossa existência.

Onde a verdade da vida e onde a vida do artista enquanto biografia, testemunho? Estaria o artista/poeta escrevendo-militando tal qual o intelectual orgânico de Gramsci? E as relações com autenticidade estariam feridas pela primeira pessoa do autor que não seria a sua vida, mas um rastro dela? Para nós negras, negros escrever é dar continuidade a nossas vidas que clamam também se utilizando da arte para conscientização e sobrevivência.

[...] Meu Zumbi
De corpo suado
De olhos meigos e doces
De boca ardente...
Nenhuma paisagem se iguala
à visão que tenho de você
Explosão de raça em forma de ser o que mais quero:
Entrelaçar nossas peles retintas
Me animar de vida,
Buscar meu céu em sua terra
Saciar minha sede de mel em seu mistério. (VIEIRA, 1992. p. 57-58)

O poema trata das experiências de negritude e erotismo na reconstrução desse Zumbi a partir de uma perspectiva feminina e negra que se faz a partir de vivências compartilhadas e advindas de outras mulheres negras como traz Lia Vieira: “Explosão de raça em forma de ser o que mais quero:/ Entrelaçar nossas peles retintas”. Essas mulheres utilizam-se da literatura como ferramenta-vida, como quem joga sementes no chão por onde passarão suas mais novas e, a partir dos aprendizados anteriores, legam toda uma história de luta negro-feminina por inserção, direito de ser amada e garantia de seu lugar de fala. No poema acima, é indissociável a ideia de produção enquanto obra que é vida e que é essa escrevivência; quando essas obras são lidas por mulheres também negras é impossível desvincular a autoria dessa análise, está lá o rastro dessa mulher que escreve e também das que leem, na pele e nas experiências de amor que tanto nos foram negadas.

O poema acima foi publicado na mais importante coletânea de textos de literatura preta do país. Desde o ano de 1978, a produção literária negro-brasileira viu ser criada a coletânea intitulada Cadernos Negros. Lia Vieira está presente em muitas dessas edições com a mesma

proposta que já se tornou militância na sua escrita literária: sangrar no papel suas experiências de negritude e vivências afrocentradas.

2.1 LITERATURA NEGRO-FEMININA QUE SANGRA E ESCREVIVE

Há muito se produz literatura no Brasil. Para quem? Para Nicinha? Para Domingas? Para Ritinha? Para Vó Rosa? Essas mulheres, personagens de contos presentes na obra *Só as mulheres Sangram* (2011) da escritora, intelectual e militante negro-feminista Lia Vieira, vivenciam suas subjetividades fora das representações que engessam a mulher negra em estereótipos violentos. A escrita negro-feminina de Lia Vieira (2011) traz situações que mostram as mais diversificadas possibilidades de vidas e seus atravessamentos ímpares, cada mulher negra, uma vivência e muitas experiências diferentes.

Um dia hei de ter tempo de tomar para mim todo o tempo que me apetecer e, nesse dia, todas as histórias, vivências e presentidos de Vó Rosa e dos parentes vão incorporar-se à minha vida. Tal é o poder da herança-memória. A avó de minha infância existe mais [...] porque ela passou a existir dentro de mim. (VIEIRA, 2011, p. 41).

O destacado acima é a parte final do conto que traz no título a principal personagem, Vó Rosa da Farinha. A história é narrada pela neta, como sugerido. Vó Rosa morava na Estrada da Caveira, caminho de uma imensa propriedade que foi casa grande e cenário de denúncias da narradora sobre o processo escravagista. O conto apresenta Vó Rosa como uma contadora de histórias, uma mulher que vem de uma linhagem de muita sabedoria e que recebia pessoas de muitos lugares para ministrar seus ensinamentos mais variados e inclusive mediava conflitos da região onde vivia. Ela contava histórias suas e de seus antepassados, encaixando-se com vigor no conceito de *Djeli*, senhora preta, detentora de saber imenso, contadora de histórias de seu povo.

No final do conto, a neta-narradora fala de si e da sua consciência da Ancestralidade, dos seus antepassados e do desejo de que os tempos sejam fundidos e de que ela se torne parte do que foram seus parentes. Ela conta que se sente cada dia mais próxima dos seus pelo tempo que teve de observá-los, principalmente Vó Rosa, e de quanto de si ela ainda precisa descobrir “[...] peço a sobrevivência remanescente da identidade de nós outros, pois assim será meu corpo, decomposto e renascido” (VIEIRA, 2011, p. 41).

Assim como o operador teórico escrevivência destaca os discursos elaborados nos contos com vistas a dar visibilidade positiva à mulher negra, contando a sua própria história, narradoras de si, do texto literário também se faz teoria e Lia Vieira nos dá essa possibilidade

através de uma escrita que deixa um longo rastro de sangue, permitindo-nos a compreensão de que o texto não é grafia apenas, é também desenho e sangue, porque pulsa através das veias de cada conto e se escreve desta forma tão forte e ancestral.

Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita, texto da intelectual Conceição Evaristo (2007), traz, de suas memórias de infância, o gesto de sua mãe ao desenhar um sol na terra utilizando lama e um graveto. O movimento do desenho perfazia toda uma linhagem de mulheres numa herança gestual como uma “simpatia para chamar o sol”, utilizando as palavras da própria Conceição Evaristo. Mas onde a grafia e onde o desenho no gesto da mãe de Evaristo? O que está visível além da lama-papel? O desespero, relata Evaristo, a ânsia pela chegada do sol que garantiria o trabalho das lavadeiras, o sustento de toda uma família; a mãe escrevia ao passo que chamava pelo sol. É um gesto ritualístico e um exercício de quebra do grafocentrismo, assim como o sangue em Lia Vieira (2011) que, enquanto transita seus fluxos passa, mas não se vai, é presença eternizada é o sangue que marca. Falaremos muito deste sangue, *èjè*, sangue do povo preto, sobretudo da mulher preta; escrever com *èjè* enquanto conceito e operador teórico instaurado aqui, neste trabalho, inaugurado por Conceição Evaristo e inspirado no texto de Lia Vieira (2011).

Certamente, ao pensarmos sobre grafia-desenho, pensamos também na legitimidade de certas formas acadêmicas, em que grupo elas se enquadram e outros termos de seleção e classificação a que remetem essas palavras que, de modo proposital e criticamente, utilizei, *a literatura fora de si* (GARRAMUÑO, 2014) proposta de desconstrução, desestabilização das antigas bases teóricas estruturalistas e formalistas para pensar a literatura num diálogo com outras formas artísticas e mesmo outros textos literários. Garramuño (2014) propõe a noção de campo expansivo, “expandir é sair de si”; a literatura saindo dos limites formalistas, compreendendo o limite enquanto um conceito que não deve ser pensado a partir de gênero do livro, mas pelo viés da literatura fora dela, num gesto de descontinuidade, transbordamento estético e conceitual do cânone formalista.

É essa reinvenção textual, metodológica e teórica que dará os chamados frutos estranhos, porque desestabilizam, saem da obviedade, reinventam os adentramentos dos textos e promovem outros cortes históricos, assim é na Escrivência, porém, como nos traz Evaristo (2020) “O nosso espelho é de Oxum e Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos”.

O texto de Lia Vieira (2011) avança num dos seus objetivos principais que é, através da

sua dicção, mover o gesto do empoderamento feminino negro, marcando que este é para: “aquelas que, hoje, sangram relacionamentos, solidão, medo, confinamento espiritual, perdas, exílio, violação, feridas, cicatrizes, dor. Para aquelas que proclamam, a cada dia, o fim da exploração e da opressão e se moverão sobreviventes em direção à liberdade”. (VIEIRA, 2011, p. 5).

A partir do lugar da escrevivência e utilizando-se do Sangue como a escrita que perfaz cada fluxo, Lia traz em *Só as Mulheres Sangram* (2011) nove contos comprometidos com um projeto de enegrecimento do foco discursivo – nossas histórias, nossos relatos.

Para Collins (2016), a perspectiva de leitura do espaço das mulheres escravizadas dentro da casa grande em épocas de escravidão trazia uma fala muito importante pelo seu lugar de “estar dentro, mas não fazer parte daquele contexto enquanto família”, o conhecido status das empregadas domésticas da atualidade de “como se fosse da família”, porém nunca sendo de fato. Essas *outsider within*, como denomina Collins (2016), formam, pelas suas narrações, duas importantes chaves de leitura para construção de narrativas de si na literatura negro-feminina: auto-definição e autoavaliação, sendo que a primeira

envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p.102)

Essas narrações tanto da vida nesse espaço quanto da visão sobre ele, contribuem para a rasura das representações arbitrarias e construção das histórias de nós mulheres negras a partir das nossas vivências, das nossas experiências cotidianas. O poder de apresentar as nossas histórias por nós mesmas, garantindo assim o nosso lugar de fala e a reparação histórica do direito que deveria ser inalienável, quando nos apropriamos da nossa história e sabemos quem somos.

A escrita de Lia Vieira (2011), investindo numa fala que (re)configura as vivências negro-femininas, nos (re)apresenta as muitas formas de sangrar: sangue que inicia, sangue ritualístico, dinástico, mas também o sangue que finda, já que é o sangue derramado arbitrariamente pelas violências sistemáticas do racismo, do machismo, mas principalmente um sangue que é Ancestralidade e que abarca os outros vieses aqui mencionados para pensar esse sangue que corre nas veias do povo preto como discutiremos mais à frente.

Num rastro, como marca indelével, como tudo o que sangra na obra de Lia Vieira (2011), ela mostra que ainda que não sangremos todas da mesma forma, esse sangue existe e

nos une, o sangue primeiro que nos irmana e nos une em família e Ancestralidade, que nos identifica enquanto grupo, mas também marca nossas subjetividades, nosso sangue é com certeza a cor da nossa pele: preta; nosso sangue é afro-herdado, é *èjè*.

Podemos identificar no texto de Lia Vieira, em *Só as Mulheres Sangram*, em suas linhas, em cada veia, o operador teórico *Sangue, èjè*; ele se estabelece na obra que se escreve; e reinam ambos, escrevivência e *èjè*, absolutos pelos fluxos de cada conto. E além: deslocam metafísicas outras que se pensam únicas e hegemônicas e dão espaço às nossas epistemologias que não se pretendem ordenadas pelas dicotomias e demais violências sistemáticas do machismo e do racismo.

Na escrita de Lia Vieira (2011), está formatada uma trama em que as personagens apresentam-se a quem lê a partir de uma narrativa que traz uma série de vivências que poderiam permear outras tantas vivências de muitas mulheres negras em sua amplitude referencial, multiplicidade identitária e seus adentramentos psíquicos. Sementes brotando: a escrevivência é uma árvore que cresce e dá frutos que parecem impossíveis para a teoria e literatura tradicionais, mas que nós, mulheres negras, reconhecemos.

São muitas as formas de sangrar, e o feminino negro, a partir da primeira pessoa na narração dos contos de Lia Vieira (2011), nos traz essa perspectiva da performance desses sofrimentos, dores, iniciações e heranças de uma vida marcadamente negra com a qual as mulheres negras identificam-se historicamente, não pela análise da história da literatura brasileira tradicional na representação arbitrária e estereotipada de personagens negras, mas pelas vivências múltiplas e ressignificadas que traduzem o cotidiano negro-feminino da liberdade ou nas prisões, dos antepassados e dos legados da herança-memória, da vida que se leva no presente, de toda a história que traz maternidade ou não, fé ou não, mas uma vida possível e centrada em vivências negras.

“Por que Nicinha não veio?” traz a história de uma mulher que vive na condição de encarceramento na penitenciária feminina carioca Talavera Bruce, por conta de um assalto a mão armada. Essa mulher cujo nome não é revelado, numa crítica ao tratamento desumano do sistema penitenciário brasileiro que trata pessoas como números, apagando suas vivências e subjetividades, vive animada apenas pela espera de Nicinha, sua mãe, que a visita sempre, sem nunca se atrasar. Ambas sangram: a filha pelo encarceramento e a mãe pelo sofrimento da filha e pela sua ausência que esse encarceramento produz.

Num dado dia, Nicinha não chega para visitar a filha que já se move no espaço reduzido pelo encarceramento como quem presente que algo errado ocorreu. Ao final do tempo

destinado às visitas, Nicinha não aparece e, logo mais, no seu armário, a filha cerceada de liberdade, vê um bilhete da diretoria da penitenciária avisando de forma direta e fria que sua mãe não chegará mais, pois morreu vítima de um atropelamento. As esperanças últimas da mulher detida se vão, e ela agora sangra, além da ausência de liberdade e seu corpo torturado pela prisão, a perda de sua única amiga.

Pergunto as horas. Alguém lhe soprou um número. Recostou-se inquieta, nervosa, amedrontada. Acendeu um cigarro. Tudo se aquieta à sua volta. Melancolia. Presságios.

O tempo se excede. Terminado o horário de visitas. Todas recolhidas. Em seu armário, um bilhete pregado:

“Nicinha não virá mais. Foi atropelada no percurso até aqui.

Mais informações na Administração.”

Uma imensa força, como que vinda de fora, estremece o corpo torturado, ela leva uma das mãos diante do rosto, como se fosse para livrar-se de uma teia de aranha. Os olhos estão semicerrados e ela fala em delírio [...] Apodrecera o fio a que estava atada e despencou nas profundezas. (VIEIRA, 2011, p. 11).

A escrita da dura vivência faz jorrar o sangue de duas mulheres que morrem: uma vitimada por um acidente e a outra vítima da dor pela perda que a primeira lhe causou; morta todos os dias também pelo encarceramento, o cerceamento da sua liberdade de corpo, a prisão e o tratamento difícil e sofrido até na hora fria da comunicação sobre a morte da mãe. Quantas vezes morrera a personagem descrita no conto? Quanto sangra todos os dias?

Personagem sem nome, reivindicação da autora. Notícia fria e sem cautela, reivindicação da autora. Desumanização da personagem, reivindicação da autora. Mas ela tem um nome, tem sentimentos e é humana. Não seria ela uma mulher?⁸

Todas as mulheres sangram. Mulheres pretas sangram antes de terem suas veias atingidas porque sangram também da pele para fora. E cada uma de um modo, todas somos diferentes e reconhecer essa diferença é também promover uma memória de longa duração na qual a literatura negra vem investindo para que sejamos representadas nas nossas subjetividades.

Vida e arte, vida e prática artística se indeterminando e se produzindo ciclicamente, tencionando-se e perseguindo-se.

Menina

Para Ainá, minha filha ou minha mãe talvez

Menina, eu queria te compor

⁸ Referência ao “discurso foi proferido por Sojourner Truth como uma intervenção na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Na ocasião, ela questionava o trato desumanizado e preconceituoso dispensado às mulheres negras.

em versos,
 cantar os desconcertantes
 mistérios
 que brincam em ti
 mas teus contornos me
 escapolem.
 Menina, meu poema primeiro,
 cuida de mim.
 (EVARISTO, 2017, p.33.)

A menina, a autora, o ‘eu’ do poema, a mãe da autora ou do ‘eu’ do poema: mulheres-meninas. Como tornar-se uma mulher? O que escapa nessa formação? Em que momento escapa? Como escapolem os contornos? E quando se trata de uma mulher negra?

Eu-mulher

Uma gota de leite
 me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas
 Meia palavra mordida
 me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes - agora - o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.
 (EVARISTO, 2017, p.23)

Em toda força e urgência da autorrepresentação negro feminina, Evaristo nos traz a presença e a insurgência da mulher não apenas a partir de como somos vistas pela sociedade, mas numa perspectiva revisitada, reavaliada, voltada para nossa existência de fato, mas, principalmente, a partir de nossa multiplicidade. Nem todas sangramos por um útero, mas celebramos o útero do qual viemos; nem todas possuem esse útero, mas não nos fazemos mulheres apenas por ele. Somos ainda assim e sempre o que move o mundo, porque a Ancestralidade é uma mulher firme, mas que entende hoje que pode parar quando quiser, tomar fôlego e continuar, pois a Ancestralidade nos une, e nunca estaremos sozinhas quando tivermos essa percepção, essa ação que a literatura negro-feminina autorrepresentativa move em nós.

O cenário representativo das identidades no texto literário brasileiro, não traz alterações

significativas quando se fala em representação negro-feminina. O panorama foi analisado pela jornalista e doutora em teoria da literatura, a professora Regina Dalcastagné (2013), autora da pesquisa intitulada “Eu quero escrever um livro sobre literatura brasileira”. A pesquisa durou cerca de 15 anos e constitui uma análise de 258 obras da Literatura brasileira e engloba aspectos raciais, sociais de gênero, entre outros, com importantes dados que constata as representações arbitrárias e rebaixantes, que ignoram as múltiplas identidades e complexidades dos sujeitos arbitrariamente representados. Entre esses dados, as mulheres negras figuram apenas três protagonistas entre todas as obras analisadas. Esse fato não nos surpreende, traz mais uma reflexão do que para nós, mulheres pretas, tem seu pioneirismo em outra fonte.

Muito antes de Dalcastagné (2013), muitas de nós, informadas das violências cometidas pela literatura tradicional, já nos percebemos performando com as escritoras que moldam a teoria feminista (hooks⁹, 1984), fazendo o feminismo com mãos pretas¹⁰ também através da literatura, com vistas a reformular essas representações; mas esse horizonte se amplia significativamente ao pensarmos em epistemologias e metodologias próprias como nos ensinam as de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Operadores teóricos- discursivos, nossas próprias chaves de leitura, nossas cosmogonias os guiam para nossas por metodologias próprias para analisar as complexidades e subjetividades das personagens negras promovidas por escritas que nos colocam frente a frente com a nossa Ancestralidade.

Ainda refletindo sobre escritores negros que, de forma pioneira, sempre trouxeram em suas propostas o discurso do negro e seu direito à representação, Luiz Silva Cuti (2002) em seu artigo “O leitor e o texto afro-brasileiro” afirma que, com a autonomia da autorrepresentação, o negro torna sua agência possível.

a Literatura Negra brasileira traz também o desafio da primeira pessoa do negro. Essa experiência para o leitor, depois de mais de um século e uma década após a Lei Áurea, começa a acontecer, de forma sistemática, através da identidade coletiva do escritor negro” (CUTI, 2002, p. 28).

Deste modo, a pessoa preta, subaltern(izad)o - que sempre performou nas representações arbitrárias promovidas pela literatura canônica tradicional brasileira e seus

⁹Assim grafado com vista a respeitar a vontade da autora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu” (hooks, 2009).

¹⁰Referência à filósofa Sueli Carneiro em sua militância e em seu artigo *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 12 mar. 2021.

autores que objetiva(vam) o cerceamento de nossas falas, relatos e histórias, visto que nossa capacidade de agência sempre foi negligenciada - propõe epistemologias próprias fruto de histórias, culturas e políticas próprias, desvencilhando-se de uma violenta proposta epistêmica que sempre pressupõe “a primeira pessoa do negro”, a autorrepresentação, enquanto desprovida de dimensão ideológica. Mas o que guarda o texto e quais os caminhos eleitos para sua escrita, como a escolha dos operadores teóricos, também contribuem para a construção das tantas camadas do texto.

O processo de apagamento e representação rebaixada caminha para a definição de Conceição Evaristo (2005) no ensaio “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face” ao apresentar a condução da produção literária negro-feminina.

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205).

Se uma mulher preta retorna fisicamente ao seu país de origem após um afastamento imposto, violento, nunca mais retornará a esse lugar; não como o (re)conhecia. Não haveria mais de ser, porque nem o país nem ela seriam mais os mesmos; seriam um corpo desterritorializado, intercontinental, diaspórico, plural, mas não por vontade própria, e sim por uma violência a qual Hall (2003) já havia, há muito, nos alertado: o desmantelamento da família física e o afastamento das origens étnico-raciais, repensando o termo diáspora; mas e o afastamento cotidiano da consciência racial, a partir de modelos estereotípicos, promovidos pela metafísica ocidental que se quer hegemônica e que tenta deslocar o entendimento de quem somos?

E esta diáspora que leva mulheres negras, ainda não empoderadas, de sua consciência étnica, de suas subjetividades enquanto mulher negra, inteligente, bonita e perfeitamente capaz de gerenciar seu corpo e suas principais demandas? Como deslocar esse movimento a partir de uma escrita em seu pleno poder de rasurar com a caneta e/ou com o corpo enquanto seu próprio movimento de refazer-se mundo?

O racismo opera nesse processo de afastamento por conta da insegurança que, de acordo com hooks (2005), a sociedade de supremacia branca promove, com seus ditames arbitrários, violentando as mulheres negras pelos mais diversificados processos.

Por isso, a partir da análise de uma escrita autorrepresentativa que sugere um redimensionamento dos limites do cânone literário, cabe pensar, enquanto tema, numa escrita emanada das vivências negro-femininas.

Conceição Evaristo (2009) nos presenteia com um incisivo discurso acerca da escrevivência e de como atravessamentos pensados enquanto agenciamento coletivo nos coloca, a nós mulheres negras, em situação muito específica com relação às nossas experiências; vivências narradas apenas por nós e que, de forma ímpar, nos fazem sangrar. Definitivamente não sangramos como os outros grupos. É imprescindível marcar o nosso lugar de fala e ele significa que, em primeira pessoa, podemos afirmar com Evaristo (2009) que

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influenciou em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvincula totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (EVARISTO, 2009, p. 2)

Evaristo (2009), com vigor, destaca a negação branca de uma intelectualidade negra no Brasil. O racismo nos associa a questões religiosas e culturais de modo geral, nos reduz a personagens folclóricos, mas nega a nossa capacidade de produção literária, de nossa intelectualidade e querem produzir por nós uma literatura que se pretender seguir excludente, sexista e racista representando nosso povo em locais subalternizados e distantes das produções literárias consideradas relevantes

Conceição Evaristo (2009) segue em sua explanação mapeando todo um da literatura tradicional e seu histórico de exclusão/subalternização de negros e negras na literatura brasileira. Exemplos como Gregório de Matos, Padre Antônio Vieira e José de Alencar, Graciliano Ramos e Rubem Fonseca, nos dão a dimensão de como essa literatura que pretendia narrar de forma violenta a nossa existência vingou e instauro um projeto perverso de continuidade dessa demarcação de território literário no qual pretas e pretos apenas aparecem

ficcionalizadas e retirados de sua existência própria em lugar de uma existência estereotipada.

Evaristo faz uma análise das estereotipias nas chamada literatura tradicional brasileira e assinala para aspectos que permearam toda uma elaboração violenta de um projeto literária que violentou pretas e pretos através dos séculos. Ela elenca a estereotipia linguística e o caráter eugênico na composição das personagens negros e negras. E, após uma série de exemplos que segue na análise de diversas obras como a emblemática *Escrava Isaura*, Conceição Evaristo nos traz a reflexão haver uma intensidade maior nessa eugenia, nessas exclusões e subalternizações nas construções de personagens da literatura brasileira quando se trata da mulher preta. A mulher preta transita, entre representações arbitrárias e estereotipadas, enquanto corpo de uso seja para os açoites no corpo e trabalhos exaustivos, seja para mais açoites no corpo e estupro, muitas vezes com intuito de procriação e geração de novos escravizados. Quando “infecundas e, portanto perigosas” (p. 08), essas mulheres são ainda animalizadas tal qual Bertoleza, ou perigosas e sexualizadas como Rita Baiana em *O Cortiço*, num perverso ciclo de violências que persistem em atualiza-se.

Após tantos exemplos que culminam, neste texto, em Aluísio de Azevedo e Jorge Amado, Evaristo (2009) nos coloca a questão:

O que se busca argumentar, aqui, é o que essa falta de representação materna para a mulher negra, na literatura brasileira, pode significar. Estaria a literatura procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? O imaginário da literatura tenderia a ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional? (EVARISTO, 2009, p. 8)

E, nas páginas que se seguem, Evaristo nos traz a força de uma Literatura preta que se insurge, anuncia-se enquanto representante de seus próprios personagens autorrepresentados e reivindica a presença desses indivíduos que a produzem/iram e que compuseram nossas histórias, lutaram por nossos direitos e definiram os rumos de uma literatura representativa das nossas vivências com glórias e conquistas e em toda sua vivência, atuação e o direito de contar as próprias histórias de forma produtiva, denunciadora e marcada definitivamente pelos discursos políticos que nos motivam a muitos entre nós até hoje e marcam nossas atuações nos mais diversificados campos sociais e ideológicos. Evaristo nos traz nomes como Leopold Sedar Senghor, Aimé Césaire e outros, tardiamente chegado ao Brasil, vem misturado ao discurso de Patric Lumbumba, *Black Panther*, Luther King, Malcom X, Angela Davis que marcam essa “expressividade negra (que) vai ganhar uma nova consciência política sob a inspiração do Movimento Negro Brasileiro, que na década de 1970 volta o seu olhar para a África” (EVARISTO, 2009. p. 9) e marca que não podemos esquecer dos primeiros: Domingos Caldas

Barbosa, Luís Gama, Cruz e Sousa, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis. E os pouco mais velhos e contemporâneos de Conceição Evaristo: a editora Quilombhoje, dos Cadernos Negros, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, Mãe Beata de Iemonja, Geni Guimarães.

Faz-se, ainda muitas vezes, necessário esse movimento de revisão histórico-literária para que tenhamos a noção de como funcionou através dos tempos esses discursos que se fizeram hegemônicos e centrais nas elaborações de discursos fundacionais de um povo, de nação. Essas personagens arbitrariamente representadas que atendiam a uma necessidade perversa de prolongamento de um pensar colonializante que nos deram, em alguma dimensão, a ideia de como o racismo ergue seus empreendimentos e o quão devastadora são essas continuidades, pois vigoram nas mentes e movem estratégias de violentas cada vez mais elaboradas e que perpassam as páginas, pois, em verdade, já são as próprias experiências vividas em sociedade.

Ao trazer, no final de seu texto todas as personalidades negras importantíssimas na política de nossas existências, na sobrevivência dos nossos, das nossas, Evaristo (2009) nos traz a importância de construir as nossas histórias tendo em mente as primeiras histórias, as noções e conceitos, nossas chaves de leitura tendo como base, inspiração, prática e vivência, as pioneiras, os primeiros, os que fizeram antes de nós. Olhar em direção aos que viveram primeiro é uma forma de nos mantermos firmes na nossa construção, não terminamos a escada sem os primeiros degraus, não compreendemos que há caminho longamente trilhado se não olharmos em todas as direções e percebermos que as árvores do caminho foram plantadas por quem passou antes de nós. Quando me olho no espelho, vejo os olhos de meu pai, os traços de minha mãe. Dentro das minhas veias e transbordando pela minha pele sinto o *èjè* que corre há milhares de anos num fluxo ancestral.

3 DO SANGUE HERDADO: ANCESTRALIDADE E INSUBMISSÃO

Estamos invertendo a chamada ordem, subvertendo. Como isso tem sido feito na vida cotidiana? Que ordem é essa? Através do conhecimento de nossa história, da consciência de que o que somos não é um caminho curto, trilha pouca, rio raso. A muitas e muitos de nós ainda falta essa consciência para uma busca, um “retorno” para o entendimento do tempo como um todo. Do que estou falando aqui? De insubmissão. Pois as raras vezes em que somos felizes, é

quando desobedecemos epistemologias¹¹ que se querem dominantes; isso se dá principalmente quando conhecemos nossas histórias descolonizando a nossa mirada.

A consciência de nossa Ancestralidade, ainda que não sigamos os mesmos caminhos, é a desobediência epistêmica e tem sido trilha fértil e caminho favorável ao florescimento de perspectivas epistemológicas para saídas de representações arbitrárias, de violências epistêmicas, para a criação e desenvolvimento de nossas próprias epistemologias, para o reconhecimento de cosmogonias próprias é o “nós por nós” cada vez mais sob nossas falas pretas. Pelo direito de inscrever-me na história e de contá-la, recorro à escrevivência como operador teórico e metodológico, como conceito assim como também é conceito aqui a Ancestralidade, a que tanto recorro neste trabalho já que *èjè* é sua categoria epistemológica; trago, deste modo, a Ancestralidade para pensá-la a si mesma já que a inteireza de seu conceito é mistério, porém a sua presença em história, vivência e *àşè* é inquestionável, porque é preta e dá início a tudo e se encerra em si mesma, por não ter fim; como no ciclo onde o tempo não se fecha, pois se ordena por outras cosmogonias.

Enquanto escrevo, neste momento, penso em todo o *èjè* que percorre meu corpo e dita pela minha mente a velocidade com a qual meus dedos, minha identidade nas minhas digitais, explicam através deste gesto meu caminho conceitual, a partir de minha escrita epistemológica, pois não se trata de escolha, mas de condição. Se escrevo, empreteço o papel; se falo, minha escrita está sendo parida e às vésperas de me entender porque sempre me buscou através das minhas mais velhas.

Ancestralmente, com o *àşè* que nutre o *èjè*, escrevivo.

Tateando, vacilante, venho compreendendo, muito limitadamente, que a Ancestralidade pode ser a raiz da árvore e que a árvore é uma senhora fortíssima e plena. Acredito que podemos nos alimentar de seus frutos e descansar aos seus pés, na sua sombra, quando sentimos seu *àşè*. A Ancestralidade guia minha lida, minha escrita, meus dias, minha vida. Não tenho a pretensão de entender a Ancestralidade. Senti-la através das minhas mais velhas, na natureza e na força que vem de tudo o que é preto já me basta para seguir em frente, mas tendo a coragem de olhar, sempre que necessário, para trás.

¹¹Aqui, refiro à desobediência epistêmica, Mignolo (2008). Porém é sabido que Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo já se mostram protagonistas na escrita sobre mulheres pretas que insurgem com o objetivo de promover uma literatura que nos coloca em um lugar de insubmissão sobretudo a partir da autorrepresentação como conceito mais específico do termo, sendo assim, onde se lê desobediência, leia-se e entenda, antes de tudo, insubmissão a toda e qualquer epistemologia que não nos represente enquanto mulheres pretas.

Mas a questão é também sobre onde fica esse *atrás*, em que lugar no tempo se inicia e como se mostra no hoje; se realmente começa ou nunca cessou de começar; se realmente termina e recomeça ou se é intermitente. O tempo é mistério que anda de mãos dadas com a Ancestralidade que pode ser a raiz da árvore e que a árvore é uma senhora fortíssima e plena.

3.1 O AMOR COMO INSUBMISSÃO

A negritude nos traz questões como a violência a partir da escravidão que perpassa a dor do corpo açoitado, violentado, do corpo de uso; mas revela-se também na maternidade, no casamento, no gerenciamento do próprio corpo, nas subjetividades, nas vivências do amor e expressão simbólica na literatura entendidas e experienciadas por uma mulher negra. Amor. Esse amor que sempre e de tantas formas nos foi negado.

Não existe, ao menos em Língua Portuguesa, uma explicação que dê conta do que é o amor. Quando somos questionados sobre isso, vem uma expressão facial condizente com nossas experiências, um silêncio, uma tentativa de conceito, cada qual no seu tempo tenta, mas o que comumente sai como resposta é o que sentimos ou não, como o corpo responde ao sentimento, uma metáfora, um poema, um trecho de uma canção, uma vivência ou a cena daquele filme, um trecho de um livro, mas dificilmente um conceito certo. Não há. Mas por que saber sobre o amor e quais as implicações históricas, raciais e de gênero desse conceito?

Há tempos, converso sobre amor, sobre amar. Muita gente pensa que falar de amor é desnecessário, que precisamos lutar; sim, precisamos lutar, mas não é também por amor que lutamos? Conversava, principalmente, sobre amor preto que é luta constante, luta por amar, por ser e receber algum amor. Sim, amor tem cor e quem é preto sabe disso.

Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 2010)¹².

O amor historicamente nos foi negado, muitos entre nós não sabem amar, não sabem como receber amor, deixar-se amar. Muitos não sabem do amor nem na teoria nem na prática. Amor é palavra-mistério, é carência do não vivido, é afeto que não chega inteiro, é ausência dos esquecidos.

Para hooks (2010), muitos negros, mesmo após a “abolição da escravatura” teriam vontade de experimentar, pondera ela, de viver um relacionamento romântico, porém a

¹² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 11 de abril de 2021.

experiência da escravidão nunca mais os adaptaria a uma vida de estabilidade emocional e trato carinhoso seja com companheiras e companheiros ou até mesmo com os filhos, visto que muitas famílias acabariam reproduzindo as relações violentas da escravidão por não conseguirem amar, não conseguirem habitar esse amor.

Depoimentos de escravos revelam que sua sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Num documento datado em 1845, Frederick Douglass lembra que foi incapaz de se sensibilizar com a morte de sua mãe, por ter sido impedido de manter contato com ela. A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. (hooks, 2010).¹³

Ainda de acordo com hooks (2010), qualquer sentimento que se relacionasse a carinho, amor, afeto, os sentimentos bons que poderiam ser nutridos por alguém, eram barrados pelos escravizados como estratégia de proteção e sobrevivência. Até hoje essas relações familiares e conjugais estão marcadas nas vivências sobretudo de mulheres negras que se viam impedidas de cuidar de si e dos filhos que já tinham um destino programado mesmo antes de sair delas, na gestação; elas já o tinham perdido para a escravização.

Talvez o amor seja o que não atingimos, mas queremos provar, entender que gosto tem de verdade, não a mentira que tentam nos empurrar seca pela garganta. Talvez o amor seja "bom dia, quer tomar café comigo?" ou "como foi seu dia?" ou "tô com você, vamos nessa!" e a permanência saudável dessa relação. Amor é mesmo detalhe de todo dia que se faz presente como melodias que poucos conseguem ouvir porque existem ruídos do desamor que turvam essa comunicação; amor é o som da vida que pulsa em qualquer canto da casa, mas principalmente dentro de si. É esse amor que nós, povo preto, precisamos e queremos viver como autoamor e ao lado dos nossos, experienciar, tornar nosso.

Os amores descritos na escrituragem, desconfigurando a formatação da literatura tradicional, aparecem na obra *Só as Mulheres Sangram* enquanto estratégias de reparação tanto do lugar que a mulher negra fala, quanto das formas múltiplas como o amor entre negros se desenvolve na trama.

O conto *A paixão e o vento* traz a história de Ritinha, passista de uma escola de samba exatamente na noite em que a escola agita o morro como campeã do carnaval. Ritinha é uma moça que cresceu na escola e desenvolveu seu aprendizado no samba com Bira, também componente da escola, que tocava tamborim. Ritinha deseja Bira há algum tempo e tenta mostrar a ele que já não é mais a criança que ele conheceu; o sangue ferve no corpo de Ritinha. Bira volta para casa também fervendo o sangue em suas veias e mantém relações

¹³ Ibidem, 2010, p. 37.

sexuais com a esposa, Mirtes, “negra de fé”, termo utilizado pelo personagem do livro, mas pensando em Ritinha. Fez sexo naquela noite como nunca antes.

Prometendo a si procurar novamente por Ritinha, ele a encontra; corpos que se roçam, cheiros de sensações que prometem um novo encontro. Ao final da festa, ele precisa voltar pra esposa. Ele não se sente da mesma forma com ela, não seria igual ao que ele sente por Ritinha.

Quando finalmente Ritinha e Bira se encontram para o tão esperado momento entre os dois, ele não consegue. O homem aparece aqui frágil, envolvido em um triângulo amoroso que não vinga em lado algum. Bira veste a roupa, sobe o Morro e, vulnerável, incapaz, vende seu tamborim.

Em *Os limites do moinho*, um dos contos mais extensos do livro, Lia Vieira (2011) nos conta a história de Domingas Soares, escritora que vai a um encontro de artistas em Cuba. A protagonista da história chega ao seu destino com a previsão da experiência de outros encontros como aquele, recheados de pessoas superficiais e com poucas novidades além de guias sorridentes em hotéis e eventos. Surpreendida, Domingas conhece pessoas e lugares muito interessantes: “Troquei muitas experiências interessantes com outros escritores, atores, cineastas, músicos e bailarinos. Todos tinham muita curiosidade pelo Brasil e pela cultura afro-brasileira, principalmente artes plásticas, filmes e literatura das quais conheciam poucos nomes” (p.22); neste trecho, a protagonista desta história deixa bem marcada a sua negritude e o compromisso com suas identidades em seu trabalho como escritora, bem como o pouco conhecimento que estrangeiros têm das culturas e artes afro-brasileiras.

Entre essas pessoas interessantes, Domingas conhece Ramón, homem com o qual mantém uma relação íntima e intensa. Ele apresenta a ela muito do que conhece culturalmente e trocam sempre muitos carinhos e informações que deixam explícitas marcas de suas identidades. “Ambos ficamos emocionados. Ramón sorriu e, de repente, o sorriso alterou o seu semblante, fazendo dele uma pessoa diferente. O sorriso continha toda a energia e o carisma de nossa raça, que possibilitara a sobrevivência de uma longa linhagem de ancestrais.” (p.24) e ainda em: “Heranças gravadas a sangue, valores de um povo e de nossa afro-latinoamericanidade.” (p.24). O sangue que corre nas veias dessa história é o que inicia, é a consciência das origens, da Ancestralidade, mas também a paixão.

O conto *Os limites do moinho* é marcado por muitos detalhes, descrições e minúcias na narração. A maior parte das abordagens são marcadas por metáforas que trazem prazeres diversificados envolvendo atração física, amor, artes, comida e lugares, tudo remete a muito prazer e como aproveitar a vida. Domingas passa o resto da história lamentando o tempo que

se esgotava e a lembrava de voltar para casa. Ela e Ramón se despediram. Ela fez tudo a seu tempo, em seu momento, tomou as rédeas da sua história desde o início, pois tinha a consciência do que era melhor para ela.

Tanto Ritinha quanto Domingas, mulheres diferentes, com vivências também diferentes, decidem sua vida, resolvem como tudo deve funcionar. Lia Vieira (2011) traz esse deslocamento através da força da escrita literária negro-feminina promovendo a reestruturação das identidades a partir da consciência de um sentimento de pertença. E como negar que essas histórias também são sobre autoamor? Quando uma mulher preta se ama, se reconhece, temos aí uma revolução, um ato político, uma correção histórica.

Ainda sobre o amor, sangue que pulsa nas veias desses textos de formas variadas, figura o primeiro conto que evidencia uma figura masculina como único protagonista. *He Man* conta a história de um garoto chamado Daé que entra numa casa que há vinte dias ele já observava para pegar alguns itens e levar para a mãe e o irmão como presentes de Natal. No trecho “Na parede, um quadro com sete carinhas louras que pareciam debochar do menino pobre que também sonhara Natal.” (p.17), surge a confirmação de negritude do rapaz que é assombrado por brancos que se afastam socialmente mais e mais a cada dia da população negra que detém poder menor de acesso a bens diversos. Num dado momento dessa busca na casa, “lembrou-se da mãe e do irmão que deveriam estar preocupados com ele.” (p.18), uma referência à família cuidada pela mãe; a figura paterna não aparece. A mãe de Daé sangra o difícil sustendo de uma família sem a presença do pai dessas crianças. Ao final do conto, Daé nada encontra dentro da casa que, trancada por dentro, praticamente não lhe dá chances. Ao sair da casa, justifica-se o título do conto: ele encontra algo para presentear seu irmão mais novo, uma espada do *He-Man*. O conto traduz a agonia de um menino negro pobre que não tem condições financeiras para dar presentes à sua família e deseja os presentes dos brancos ricos; ele é atraído para aquela casa enorme pelas luzes do Natal; como seria essa história contada por uma literatura racista? Eis a importância da autorrepresentação pela escrevivência.

Ser forte o tempo todo cansa, um ser forte o tempo todo alcança? Pergunto-me no decorrer dos séculos, pelo meu sangue, pelo de minha mãe, de minha avó...

A personagem Maria Deia, cujo conto carrega a marca de seu nome, foi assim chamada por conta de Maria Bonita, mulher que também carrega nas mortes a marca da dor e da insubmissão, da necessidade de defesa. Maria Deia luta à frente da comunidade na qual cresceu e viveu pela preservação da sua morada, da sua casa, dos bens imateriais que significam a comunidade. Sabemos da dificuldade que nos cerca quando a questão é manter erguida ou

erguer a comunidade e proteger-se física e simbolicamente, a si e aos seus, às suas; mas com diáspora africana se foram também muitas das ideias de vida em comunidade; somos assombrados pela fuga, pela necessidade de sobrevivência e, na atualidade, muitos grupos que estudam identidades tanto de gênero, quanto raciais, começam a desenvolver pensamentos voltados para a coletividade que o projeto supremacista branco tanto investe em apagar.

Pensemos nas palavras de Hall (2006) que se auto definia, entre tantas possibilidades de identidades culturais, enquanto um intelectual da diáspora. Será que tal qual Hall desconheceríamos a nossa Jamaica por termos passado tanto tempo na Inglaterra? Será que conseguiremos reaver os quilombos resignificando as fugas pela sobrevivência por vidas dignas de um povo que por herança e excelência detém o poder, a genialidade das descobertas científicas, das técnicas, da literatura, das artes de modo geral? O desconhecimento de si e dos nossos já existe, precisamos nos resgatar em nós mesmos a partir da Ancestralidade descobrindo e nos guiando pelas nossas identidades mais profundas e contra o apagamento de todo um legado de cultura importantíssima para toda a humanidade; ou seremos tal qual a comunidade de Maria Deia, destruída física e simbolicamente, indo ao chão, com mortos inúmeros e incontáveis e sem direito ao amor que lhe foi retirado de forma dura e impiedosa pelas mãos da polícia que, em tantos casos, nada mais tem sido no Brasil que o próprio capitão do mato. Para muitas de nós mulheres pretas é negado o direito de amar. Para muitas de nós, viver tem sido, lamentavelmente, começar pela morte e, durante o percurso, tentar viver.

Nosso corpo, que jamais foi pensado como possível destino de afeto amoroso, foi sistematicamente vilipendiado durante a escravização e, depois, nos tornamos, ora sonho de consumo do macho branco, ora inimiga da mulher branca e, outras vezes, prêmio de consolação para o homem negro, quando não as três coisas ao mesmo tempo. O mundo da branquitude e do sexismo nos resumiu a uma genitália: nela se entra para alcançar o prazer, dela saem crianças para o mundo. E nós, sempre secundarizadas pela vagina, que, com o tempo, tornou-se tão alheia a nós que quase se converteu numa inimiga. Afinal, era graças a ela que éramos tratadas como cidadãs de segunda classe. (SOUZA, Lívia Natália. 2016)¹⁴

Amar é estratégia de desobediência, de insubmissão. O amor na Literatura produzida pela negritude tem sido um protagonismo necessário para a autoinscrição proposta pela escrevivência. Esse amor que foi negado às irmãs Aruanda e Flor de Lis e que o conto *Foram Sete* denuncia. O amor que não tiveram da família, a comunidade que tenta acolher, parte da comunidade não sintonizada com os mesmos valores que entende mais uma morte como

¹⁴ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/>. Acesso em 06 de fev. de 2021.

estatística, estupro, fome, vidas que se levam entre o medo da violência sexual, o medo do assalto, o medo de tudo que é não amor.

O amor que fica entre a escolha que muitas vezes a mulher preta faz entre ter sucesso e liberdade para seguir com sua carreira profissional ou ter ao seu lado um companheiro que possa somar com sua consciência racial e viverem uma história nova, uma nova proposta de vida com a qual não está acostumada porque o amor lhe parece, nesta versão, uma novidade muito perigosa, arriscada; essa é a história da personagem Domingas Soares de *Os limites do moinho* que “orientada para a realização e a independência”, acaba, mesmo em momentos contrafeita, por seguir sozinha.

Parafrazeando a própria Evaristo (2005) podemos compreender essa escrita tão comprometida com a vida enquanto tendo “um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição¹⁵ no interior do mundo.”.

E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2005).¹⁶

As histórias sobre nós não podem se desenrolar à nossa revelia, porque somos protagonistas dela é, de acordo com Evaristo, um ato de insubordinação, retomar, reivindicar para si o direito de estar nas nossas próprias histórias e poder contá-las dos nossos nascimentos às nossas mortes arbitrárias, mas também nos nossos anseios, desejos e em tudo o que a literatura tradicional tento nos impedir de expressar através da arbitrariedade das representações que nada mais eram do que os frutos perversos do racismo, das violências epistêmicas das mãos desautorizadas traçando linhas violentas muito distantes de nossas encruzilhadas.

Em um entrevista concedida à página *Leituras Brasileiras, um acervo do pensamento brasileiro*¹⁷, Conceição Evaristo afirma que "escrever é uma forma de sangrar" porque de fato,

¹⁵Narrativas de vida: na autobiografia enquanto pacto com a referencialidade, a realidade e a interpretação do não simbolizável (LEJEUNE, 2010), na autoficção com o retorno do autor como sujeito fragmentado proposto pelo viés da psicanálise como na literatura como testemunho (KLINGER, 2007); autoficção estaria, desse modo, atrelada ao que Deleuze e Guattari (1980) entendem enquanto conteúdo da vontade, o pensar, o (re)lembrar e sua estrutura rizomática, a consciência de que o que se escreve é uma entre as realidades que navega em fluxos diversos. Na escrevivência, a história que poderia ser a de muitas mulheres pretas, não pertencem a apenas uma de nós. É a ancestralidade contando as histórias de toda, com um olhar para nossas mais velhas e o caminhar para frente.

¹⁶ Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

¹⁷O vídeo completo da entrevista feita a Conceição Evaristo encontra-se na página. Disponível em:

nós mulheres negras escrevemos histórias e, quando escrevemos, sangramos em muitos níveis. Você, eu, Conceição Evaristo, Lia Vieira, Maria Deia, Rosa da Farinha, a mulher apresentada sem nome em “Por que Nicinha não veio” sangramos, e essas vivências são marcadas por inúmeras histórias: o sangue que escrevemos. O sangue é mais que movimento de vida para o corpo quando entendemos que corpo é esse que está sendo movido; do que precisa, como sangra e se diferencia dos demais; de quantos açóites ainda precisa se proteger; que vida precisa protagonizar e como aprendeu a se defender.

Um bonito e importante caminho cuidadosamente trilhado e fundamental para acessar toda essa riqueza histórica da qual somos parte são os *Ìtàn*, histórias sobre *Òrìṣà* que dizem muito sobre os cultos rendidos às divindades que representam toda a força do Candomblé.

*Kosì èjè, kosì Òrìṣà*¹⁸.

E não há Candomblé sem sangue, pois esse *èjè* é fundamento que compõe essa herança que trazemos do continente africano enquanto culto aos Orixás; ainda que não seja a religião de todos os povos pretos é indubitavelmente o útero de onde todos viemos. Esse útero é preto.

O *èjè* não pode deixar de existir em diversas liturgias e funções do Candomblé. Esse ensinamento é passado dos mais velhos para os mais novos e repete-se pedagogicamente como um legado de aprendizados que nos chega através das vivências e do sentimento de pertença ao que se faz pela fé e pela consciência de que se pratica o que Ancestralidade ensinou cotidianamente e que também nos identifica como povos oriundos do mesmo continente.

Os *ìtàn* trazem muitos desses ensinamentos. São muito mais que ferramenta de escrita ou caminho teórico e metodológico, são o que nos compõe e nos inicia a partir da Ancestralidade. *Ìtàn* é fundamento.

Há um *ìtàn* que nos conta sobre nós de forma sensivelmente importante para que entendamos as relações, o sangue e da mulher negra. *Porque Òṣàlá usa Ìkóòdídé* narra a história de *omọ Òṣun*, sacerdotisa escolhida por *Òṣàlá* para cuidar de seus instrumentos e vestimentas, fato que teria despertado a inveja por parte de algumas pessoas e posterior investida contra *omọ Òṣun* em forma de feitiços que a prejudicassem na sua especial relação de confiança com *Òṣàlá*. A primeira dessas investidas perversas foi um sumiço dado na coroa de *Òṣàlá* por parte de invejosas que não conseguiam lidar com a bonita relação de *omọ Òṣun* e *Òṣàlá*.

E, neste momento, preciso pedir licença a esta narração para falar sobre o termo “invejosas”, pela necessidade de compreender não apenas o que se narrará até o final deste *ìtàn*,

<https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=QXopKuvxevY>. Acesso: 28 fev. 2021.

¹⁸ Sem *èjè* (sangue) não tem *Òrìṣà*.

não para empreender uma reflexão perversa sobre nós que, definitivamente não nasce dessas histórias, pois há muito a inveja já se dissemina como um mal difícil de se contornar, sobretudo nas mulheres pretas, visto que somos alvo constante de violências, mas na tentativa de destrinchar o que a deseducação machista que a sociedade recebeu tem causado; o quanto esse “espírito de competitividade” cultivado em nós mulheres tem nos destruído de forma tão perversa, afinal, sem o intuito de instaurar qualquer ideia de níveis de opressão, mas levando em conta a interseccionalidade, entendendo que mulheres pretas sofrem em sua identidade racial preconceitos muito específicos, penso que disseminar a competição entre mulheres, principalmente pretas, faz minar ainda mais o sentimento de autoestima sobretudo na mulher que há muito, historicamente, vem sofrendo ataques permanentes ao seu “ser mulher preta” e que belezas carregamos conosco.

O *itàn* não inaugura esse sentimento de ataque e fúrias constantes motivados pela competição entre mulheres, apenas traz um fato que existe e está ali. A sociedade machista que colabora para a manutenção dessa tentativa de enfraquecimento do amor entre mulheres proporciona uma trama de perversidades elaboradíssimas e renovadas de tempos em tempos; como uma estratégia de nos colocar umas contra as outras, e, de um lugar muito confortável do privilégio masculino, quase sempre branco, assistir a toda discórdia que sempre nos valeu a vida.

As “invejosas” aqui nada mais são do que um triste resultado de uma guerra que não começamos, e que, perversamente, nos fizeram acreditar que somos culpadas e que prolongamos o nosso próprio sofrimento e o de nossos pares.

Numa referência bastante nítida à questão da maternidade como algo difícil de se estabelecer em muitas mulheres negras, o *itàn* trata também do fato de que *omọ* não teve a maternidade convencional, mas sim, foi mãe de uma menina que criava. Essa menina, ao ver o desespero da mãe com relação ao desaparecimento da coroa de *Òşàlá*, sugeriu que a mãe fosse à feira no dia seguinte e comprasse um peixe, certamente, a coroa de *Òşàlá* estaria lá dentro. Feito isso, ao retornar para casa, *omọ* *Òşun* permite que sua filha abra a barriga do único peixe que ela encontrara na feira, e lá estava a coroa.

Não satisfeitas com a coroa recuperada, as invejosas que investiram o feitiço contra *omọ* *Òşun*, tentaram novamente um feitiço, mas dessa vez, durante a aguardada festa das Águas de *Òşàlá*. Sabendo que *omọ* *Òşun* sentar-se-ia ao lado de *Òşàlá*, enfeitiçaram a cadeira que ela sentaria. *Omọ* *Òşun* sentou-se e, na primeira necessidade que teve de levantar, sentiu uma dor imensa e percebeu a cadeira banhada de *èjè*. Saiu correndo em busca de ajuda, pois não poderia

permanecer na festa de *Òṣàlá* em vermelho; pediu ajuda a *Òrìṣà* e, foi com *Òṣun* que ela recebeu abrigo.

Òṣun transformou o *èjè* em *Ìkòdídé*, os depositou em um *igbá* e, todas as noites promovia *ṣiré*. *Òṣàlá* foi ao Palácio de *Òṣun*, reverenciou a dona da casa que prontamente o ajudou a se levantar, ofereceu bastante dinheiro e, reconhecendo que revisava, naquele momento, uma injustiça, levou consigo *omọ* *Òṣun* para seu palácio e um *Ìkòdídé* que seria o único elemento vermelho que ele usaria dali por diante.

Os usos e importâncias do *èjè* no Candomblé vão desde os rituais envolvendo cultos e oferendas até os objetivos constantes de purificação da alma pela aproximação da Ancestralidade. Iniciar-se é renascer em *Òrìṣà*, é a busca pelo retorno que não se permite a volta no sentido de ser o que nossos antepassados foram um dia, mas de compreender que tudo isso é ensinamento e, ao mesmo tempo, mistério que juntos compõem os fundamentos religiosos.

Purificar-se aqui tem uma relação direta com nascer novamente, mas pelas vias que nos garantem uma epistemologia condizente com as histórias dos povos dos quais somos oriundos e de onde viemos para que tenhamos sempre em mente quem de fato somos, não apenas individualmente, mas enquanto consciência de coletividade. Vida em terreiro é uma vida em comunidade, uma vida que poderia ser a de Vó Rosa da Farinha ou da comunidade de Maria Deia, ou do morro onde mora Ritinha ou da favela onde moravam as irmãs Flor de lis e Aruanda, mas também as mulheres negras que compartilhavam dor e sofrimento no Talavera Bruce ou ainda a Domingas que viajava bastante e sempre tinha consciência de onde ela se localizava, não por conta do lugar para onde ia, mas pela consciência de onde ela veio o que a fazia saber sempre quem ela é. As mulheres que contam suas próprias histórias em *Só as mulheres sangram* são todas negras, elas escrevem e o que as une são essas vivências possíveis, esse Sangue que escoia a partir da pele, mas percorre todo o corpo movendo-as por espaços tão diferentes. As histórias que escrevemos nos dizem sobre quem somos e de onde viemos e dá literariamente instrumentos para que nós mulheres negras saibamos e não nos esqueçamos de quem somos, de onde viemos e como nos irmanamos.

Quando se apropria das nossas identidades raciais, o empreendimento racista não se utiliza de uma intenção em diferenciá-las em suas especificidades, para, a partir daí, falar de nós de forma marcadamente diversa, na riqueza de nossas histórias e origens; o projeto perverso do racismo nos quer, a todas e todos, como escravizados, atuando como coadjuvantes subalternizados nas histórias “sobre nós”, porém contadas por eles. Essas mãos desautorizadas e violentas passaram séculos escrevendo histórias que nos incluíam apenas como personagens

que não nos representam por duvidarem das nossas capacidades intelectuais e até questionarem a existência da intelectualidade negra; assim, conseguiram, em muitos casos, incutir nas mentes que não havia uma literatura preta; que todo o trabalho, todas as origens de nossas histórias teriam de nós apenas uma mínima contribuição; tentaram apagar de nossas mentes todo um legado de histórias, da realeza da qual descendemos: somos filhos de reis e rainhas.

Uma vez alienado, desvia-se a produção de significados sobre sua cultura para os sujeitos que não vivenciam, e, pelo contrário, aproveita-se da cultura agora explorada semiótica e economicamente. Assim, a epistemologia, fonte da produção de significados, é fundamental para a afirmação ou negação de um povo e sua tradição, de uma cultura e sua dignidade. (OLIVEIRA, 2001, p.1).

Eduardo Oliveira (2001) nos alerta para o perigo de não conhecermos os fundamentos de nossas próprias histórias – aqui, o uso do termo *nossas* diz muito por conta do plural *nós*, já que a perspectiva é um agenciamento coletivo dessas identidades que nos colocam enquanto pessoas pretas em um mesmo espaço de luta e resistência, visto que essas identidades são assimiladas pelo projeto racista enquanto um lugar para opressão, exclusão e morte.

Quero evitar que esse discurso chegue utópico a quem o lê; que cheguem inferências compreensíveis pela desesperança a que somos conduzidas diariamente na descrença de nós mesmas, do ilusório advindo de uma tentativa de unir uma comunidade com pessoas pretas, na qual todas nós compreenderíamos e vivenciaríamos, dia após dia, uma África ancestral. Não. Se para muitos entre nós esse discurso parece um tanto quanto ilusório, é porque certamente é. Não é essa África que temos condições reais de vivenciar, não são esses os caminhos para nos utilizarmos de Ancestralidade enquanto epistemologia. Não se trata de uma África que precisa ser revivida aqui, agora, entre pessoas pretas, mas de uma África que se multiplica, que precisa ser revisitada na diáspora e compreendida como as origens de tudo. E o termo *origens* aqui se quer para buscar um entendimento de que, contrariamente ao que a maior parte de nós aprendeu, é preciso compreender as origens enquanto encruzilhadas que se movem em vários tempos que se cruzam e não apenas em um ponto específico. Somos muitas, a África viu suas filhas, seus filhos serem tirados violentamente dela; essas filhas e filhos foram espalhados pelo mundo inteiro pela violência da diáspora e o que isso tem feito de nós e de nossas histórias? Espalhadas, afundadas em águas profundas para nunca mais, dando várias voltas na árvore do esquecimento, idas para não mais vindas? E se fortalece o empreendimento racista que se quer afastando-nos de nossas memórias para não mais nos encontrarmos.

A Ancestralidade é a fonte viva, não é a memória afundada, é o profundo do rio, do mar onde precisamos reaprender a mergulhar para trazer nossas histórias e recontá-las no nosso

tempo que é todos os tempos, pois existimos e contamos nossas histórias desde sempre. A Ancestralidade está no ovo da imagem Sankofa: vira-se a cabeça para buscar, mas que continua sua caminhada para frente, sendo que a frente se abre em caminhos até que seja uma encruzilhada. Seguindo, em todas as direções, com o que temos em mãos, com o que nós viramos para pegar, com o olhar em todas as direções e com vistas a promover essa memória de longa duração, estaremos sempre dando continuidade à caminhada, legando às próximas gerações histórias que serão lidas, recontadas, usadas como conhecimento para novas histórias; como fizeram Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lia Vieira e tantas outras que virão: autorrepresentativamente para que não se esqueçam de si nem de nós.

Investigando condições para diálogos que pensem epistemologias próprias, Nilma Lino Gomes (2010) nos convoca à reflexão em seu ensaio “O intelectual negro e seu lugar no contexto acadêmico brasileiro” quando, retomando e aproximando-se de Boaventura Santos (1990) promove um pensar plural sobre o termo “epistemologia(s)” sobre epistemicídio sob o pretexto de “missão/projeto colonizador” e a “obliteração das diferenças”. O perigo disso tudo: epistemologias apropriadas por grupos subalternizados e oprimidos para legitimar as próprias causas, ou seja, o risco gravíssimo de incorrerem em operadores teóricos, marcadores de toda ordem que constituam institucionalidades erguidas à nossa revelia. Ler as nossas histórias a partir dos dispositivos do colonizador xenofóbico, racista, misógino seria a pior das contradições. Escrevamos, então, sobre/sob nossos *itàn*, *oríki* e *şiré*. E o lema “nada sobre nós sem nós” significará, e se ainda nos utilizarmos, em algum momento, de um pensamento sustentado pela metafísica ocidental, certamente, instauraremos uma desestabilização para alargar conceitos, à moda da desconstrução como nos mostra Derrida (2002), minando as correntes discursivas filosóficas, literárias, fenomenológicas e psicanalíticas e além, desfazendo binarismo, desafiando as ciências eurocêtricas que se querem hegemônicas e invertendo, portanto, as hierarquias.

Ainda precisamos falar sobre nós. Nunca será pouco e não haverá exaustão, não pode haver. Precisamos da compreensão diária sobre a importância da referenciação, da autoinscrição, da autorrepresentação até entendermos, nos resguardarmos, nos defendermos, reerguermos, exaltarmos, até solucionarmos a cada dia as nossas questões e também para além disso. Resolvermo-nos em tudo a cada dia e prepararmo-nos para as atualizações perversas das violências; e começa muito longe, muito atrás para cada um, seja na escravização que nossos corpos negros sofre(ra)m ou naquele primeiro dia em que provocaram nossos cabelos quando estávamos tentando chegar à escola.

O sangue habita os corpos e permite as vidas. Sangue e Ancestralidade habitam juntos os corpos pretos, coexistem e (res)significam as vidas pretas de um modo ímpar, atravessando nossa existência. Compartilhamos, ainda que muitas e muitos entre nós não tenham essa percepção, muitas entre as vivências pretas trazidas na escrevivência; porque não são exclusivamente hábitos cultivados durante uma vida, são marcas indelévels que nos atravessam, experiências que direcionam há séculos o amor para o lado oposto, a dor para a nossa direção. A alegria é uma marca do nosso povo preto, mas, por vezes, essa alegria é uma luta de conversão da dor em possibilidades, em fé, em um acordo, um pacto coletivo de não morrer, como nos ensina a prosa e a poesia das escrevivências de Conceição Evaristo.

A dor nos ressignifica para além da vivência do individual. A dor que é melancolia e desassossego, porque é permanente, está fincada em marcas históricas; é dor que não para, cessa ou passa, banzo. O sangue que é a cor da pele, que nos identifica, que nos marca como alvo para a mira da polícia, que nos tira as oportunidades de ir e vir livremente desde que aprendemos a andar, desde que o primeiro, a primeira entre nós passou a existir enquanto alvo aos olhos dos que não sangram pela cor da pele. Quando compreendemos que esse sangue vai além do conceito que conhecemos, desse fluido que percorre o sistema circulatório, mas que é de fato uma essência viscosa que perpassa, que se mostra mais visivelmente na cor preta de nossa pele, compreendemos também que esse sangue vai além do que faz o corpo ter vida; *èjè* é Ancestralidade, é o sangue que faz o corpo preto manter-se vivo e erguido; é o entendimento de que somos únicos e únicas pelo que nos constitui enquanto pessoa preta, pelos nossos atravessamentos muito particulares, mas também nos informa definitivamente sobre a impossibilidade de condução de vida de forma apenas individual, pois, ainda que sejamos múltiplas e tenhamos vidas sociais e vivências particulares que marcam de formas muito específicas as nossas subjetividades, há o que vem antes, há essas entranhas ancestrais que nos identificam e que nos unem, que nos formatam enquanto povo; a pele-*èjè*; a necessidade de manter-se de pé, o descanso necessário pela urgência diária de manter-se com vida, o cansaço que é sobreviver, a dor-banzo que não cessa de nos tirar o sono e a dança no corpo, no rosto, o sorriso que se quer vivo. Somos únicas, únicos, mas principalmente, somos muitos; somos os povos que se formaram e se constituíram em tradições e histórias que nos fazem parte de um todo; a escrevivência surge também como uma consciência de si e de coletividade, das vidas que cruzaram um Atlântico que sangrou coletivamente em bantos, iorubas, macaus, sudaneses, hauçás, quibundos, mandingas, ketus. Sendo assim, falemos do sangue ancestral; falemos de quem narra as histórias ancestrais, de quem escreve, falemos do sangue que só as mulheres

pretas sangram, falemos de *èjè*.

Ensinamentos pretos são a Ancestralidade se movendo entre nós; acapoeira tão importante na manutenção da vida de tantas e tantos negros desde o genocídio da escravidão negra, ensina-nos: “A roda pequena da capoeira nos prepara para a roda grande da vida”.

O ensinamento da capoeira que é social, racial e espiritual nos revela uma impossibilidade de desassociar as nossas vivências de nossa Ancestralidade e, à medida que nós pretas e pretos nos conscientizamos disso, compreendemos que a escrita das vivências e a vida dentro dessa perspectiva de percepção dos agenciamentos coletivos são importantes também para nos entendermos individualmente, por isso a impossibilidade de nos compreendermos apenas como únicos e únicas, sem o entendimento de comunidade que ainda nos falta na contemporaneidade, mas que é importantíssimo para esse processo de empoderamento coletivo, sobretudo no que se refere à mulher preta; de fato precisamos, como nos lembra a todo momento Angela Davis (2017), “vamos subir todas juntas”. E, ainda que o feminismo não nos traga todas os vieses que a Ancestralidade nos apresenta como possibilidade de subida, é importante pensar estratégias para nos mantermos unidas como comunidade. Mensuramos os movimentos, mas não temos a certeza dos roteiros, é tudo imprevisível na capoeira e na vida. A Ancestralidade, nos ensina que a roda, a vida são mesmo um grande *şiré*. Protegidas e atentas às lutas entendemos que as saídas para a liberdade são portas a serem alargadas para que todas também saiam; inevitavelmente com algum dano, mas cada vez menos feridas, mais vivas.

A presença da mulher preta nas mais antigas histórias dos nossos povos e as ações efetivas promovidas por nós, a forma como conseguimos reverter as situações de forma eficaz, justa e inteligente, é um impulso empoderador para que compreendamos os nossos diversos papéis em sociedade e como conseguimos transitar efetivamente e com dignidade por esses espaços. Sangue não é metáfora, sangue é epistemologia negro-feminina e identificação de povo, sangue aqui é principalmente a cor preta de nossas peles. Sangue é escrita que não foge da vida, porque não pode, porque não se vê de outro modo, porque sangra.

3.2 ÈJÈ ÌYÁMI: QUEM ESCREVIVE E SANGRA REGE: MATRIFOCALIDADE

Òşun segura firme seu *abèbè* que é continuidade do corpo feminino da *Ìyálóde* e de quem é filha dela. Não exclusivamente pelo fato de ser uma defesa e ao mesmo tempo um afeto mas também porque é um caminho pelo mapa do corpo, é o sagrado por onde passa *èjè*, é a rota de várias veias que se estendem do braço ao instrumento no qual se vê a própria imagem e, ao

mesmo tempo, a imagem da *Iyepòndá, àṣẹ!*

Por ser escudo e ao mesmo tempo ser espada dos meus dias, porque sou filha de *Ọ̀ṣun*, *abẹ̀bẹ̀* é a proteção de quem sabe que pode mirar-se e defender-se no que é mais que um instrumento, porque é fundamento. *Abẹ̀bẹ̀* é recolhimento, intimidade, é ataque, ação e recebimento de bênçãos; é continuidade de rio por reflexos das águas doces e misteriosas.

Abẹ̀bẹ̀ é escrevivência e *ẹ̀jẹ̀* porque é a nossa história negro-feminina que se narra pela nossa (ad)mirada e sangra: por dentro, porque é sustento de corpo; da pele para fora porque sofremos violências sistemáticas e perversamente atualizadas do racismo; mas há defesa, há luta e há cuidado, porque quem vê *àṣẹ* em um *abẹ̀bẹ̀* se refaz rio e renova seu ciclo.

Quero me espelhar, me ver preta em ouro. Quero me defender em dourado com o espelho que reflete, permite ver quem está vindo no caminho e corta males, transformando a vida em mel. Sinto Mamãe *Ọ̀ṣun*. Ela mora em cada rio, em cada cachoeira, é profunda e tem cheiro de flor. Contudo não podemos dar conta de quem é *Ọ̀ṣun* e do que guarda seu *abẹ̀bẹ̀*. *Ọ̀ṣun* é o inefável! *Abẹ̀bẹ̀* é mistério! *Ọ̀ṣun, Ọ̀rẹ̀ yeye ó!*

A ideia aqui com o conceito de matrifocalidade é pensar representações femininas e suas vivências na obra, portanto o termo *iyá* sempre fará referência ao ser que, motivado por herança, deveria ocupar o centro dos debates e da organização social. Como já foi dito neste trabalho, todos nós viemos de uma mulher, essa é a compreensão, que precisamos ter para melhor compreensão deste intento. Nós mulheres não temos a maternidade como um dever ou uma missão, porém todos nascemos de uma mulher o que nos faz a todos, em qualquer tempo e para sempre, filhos. Num recorte muito específico, as mulheres negras nos contos de “Só as mulheres sangram”, por herança, performam essas senhoras das sociedades e utilizando sangue e vivências na condução das histórias de suas famílias, comunidades, nações.

Estendendo esse entendimento de matrifocalidade ao que Oyèrónké Oyèwùmí (2016) denomina por *matripotência* utilizando-se do mesmo raciocínio do conceito iorubá do termo *iyá*, afirma que

Ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de *Ìyá*. A eficácia de *Ìyá* é mais pronunciada quando são consideradas em relação a sua prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que *Ìyá* é a sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma *Ìyá*, todos nascemos de uma *Ìyá*, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que *Ìyá*. Quem procria é a fundadora da sociedade humana [...] (OYÈWÙMÍ, 2016, p.3)

E como pensar, na obra literária em análise neste trabalho, esse espaço *sociedade humana*, esse lugar que ocupam e transitam essas mulheres? Onde estão essas senhoras da

sociedade e por quais lugares elas transitam?

Rosa da Farinha, do conto homônimo em *Só as mulheres sangram*, tem sua história narrada por sua neta, vive num terreno elevado do qual vê as casas, as plantações, as cabeças de gado nos pastos. Isso tudo sem se levantar, sentada na frente de sua casa. Rosa da Farinha tinha esse nome pelo produto que era produzido onde morava. Tinha cinco irmãos e com uma delas, compartilhava histórias da época da escravidão.

Tudo hoje é dividido. As únicas coisas que ainda se tem em comum são as casas da farinha e alguns poços d'água. Há cinquenta anos, a nossa fonte de alimentação era o peixe do brejo, era gamba tatu, lagarto, que dava muito. Houve devastação e a coisa foi acabar do. As coisas pioraram depois da obra de saneamento. Antes, tinha banana, laranja, quiabo, maracujá, mas o principal era a mandioca. Quando a lavoura estava ruim, a gente se refugiava na salina; quando o tempo melhorava, a gente voltava para a roça. Eu fiz feira trinta e três anos. Eu adorava ser chamada de Rosa da Farinha. Minha a era de muito boa qualidade. A gente do mercado era minha. Dava gosto iniciar as tarefas do dia acendendo o fogo em que, pulverizando polvilho na frigideira de ferro, encanudavam-se os beijos ou plastrando as tapiocas pesadas de coco, que o raspa-coco-de munheca supria rápido, botando, também, para ferver a água do café.” (VIEIRA, 2011, p. 38-39).

Vó Rosa usava bata branca e saia estampada e engomada, usava também argolas de ouro. Os visitantes de sua casa pediam conselhos, contavam problemas, e ouviam seus ensinamentos. Ela conhecia de plantas e folhas, ervas e sementes.

Vó Rosa era mãe duas vezes, ela era uma senhora sábia que tinha seu poder de controlar o tempo das coisas, ela era uma *iyá*.

Alguns terreiros de candomblé são liderados por pais, *Bàbálórìṣà* mas em grande parte deles é a figura da *Ìyálórìṣà* que lidera. Mas pensemos, todo pai veio de uma mãe.

Ìyá, Ìyá kékeré, Ìyá Ojúgbònà, Ìyá básè. Cada *iyá* uma tem sua função, todas são mulheres e trabalham para um bem comum, todas são mães dos filhos que prepararam, banharam e alimentaram.

A *Ìyálórìṣà*, mãe de todos e todas, está em tudo. Em cada liturgia, a presença dela é essencial. Ela está presente em cada decisão. Tudo se move por meio dela. A única pessoa a que todos pedem a bênção. Ela por sua autoridade, ela está mais perto de *Òrìṣà* e os leva para seus filhos em forma de ensinamentos e práticas cotidianas. Detentora de saberes que se lapidaram durante anos com ela e durante séculos, milênios através das antecessoras, não era à toa que Vó Rosa vivia numa região em que tudo se via, ela detinha o controle, tinha a visão ampla, sentada numa cadeira alta, era mãe da mãe e estava apta para ocupar o lugar no qual estava, por herança ancestral, aquele lugar era dela.

Mulheres como Vó Rosa e tantas outras *Ìyálòrìṣà* eram/são as nossas mais velhas, a quem devemos as referências pelos *ẹ̀bọ* que aprendemos em rituais que, muitas vezes, não nos damos conta que repetimos como num gesto ancestral fincado no *ẹ̀jẹ̀* que responde a oferenda que arreamos e que é aceita. Elas vieram antes de nós, mas se miraram nas que vieram antes delas. A neta de Vó Rosa sabia o que seria um dia; pelas memórias guardadas e pela observação que fazia da avó; porque somos além de nós mesmas tudo o que herdamos de nossas mais velhas.

Eu me vejo nessas mulheres por herança, pela urgência de escrever e pelo direito ao meu lugar de fala. Se a todo momento, neste trabalho, escrevo, posso dizer que pelas minhas mais velhas e por quem ainda virá, mesmo tendo morrido várias vezes, eu continuo viva, só estou quieta, mas tramo planos enquanto silêncio. Eu pulso e me cuido, se conto minhas histórias também cuido das minhas. Eu deixarei sementes pelo caminho, elas se tornarão árvore como eu serei. Um dia, darei frutos, criarei raízes, abrigarei possibilidades. Serei uma senhora que recita poemas, que traz em uma das mãos uma espada ajeitada com elegância ao lado da cintura; na outra mão, um *abẹ̀bẹ̀* que espelha, protege, torna férteis as memórias e tem cheiro de flor.

Muitas são as mulheres, as senhoras pretas em suas vivências; e mais uma delas surge enquanto personagem no livro de Lia Vieira (2011) de forma dolorosa, pois é necessário denunciar nossas dores, a partir desta ferramenta importante: a literatura; e esta escreve com *ẹ̀jẹ̀*. No conto “He Man”, alusão a um personagem antigo de desenhos animados, a mulher em questão é a mãe do menino Daé, personagem principal. A história traz a narração de uma noite em que Daé entrou numa mansão que já observava há dias. A família, dona da mansão, viajava. Daé tinha em mente pegar coisas para levar para sua casa. “Pensou nos presentes: um vestido e um calçado para sua mãe. Sabia que ela precisava de um sutiã, mas tinha vergonha de levar. Para o Guga, seu irmão de cinco anos, levaria roupas, calçados, brinquedos, tudo o que pudesse. Ele era pequeno e não entendia que Natal era coisa de ricos e insistia em ganhar trenzinho de papai Noel.” (VIEIRA, 2011, p. 17). Quase todos os espaços na mansão eram inacessíveis, trancados. Mais sobre os detalhes daquela casa tão grande nos encaminha ao entendimento das diferenças entre as pessoas que viviam ali e a família do menino Daé.

Na sequência da história e em meio àquela situação, Daé chora. Ouve o sino da igreja do Rosário, percebe que já era meia-noite e pensa na mãe e no irmão. Apressa-se, pois sente que podem estar preocupados com ele. De onde vem esse senso de preocupação e de se sentir responsável em presentear sua família? Ele sente que precisa levar presentes para casa. É Natal.

Mas o que vê quando adentra um quarto de criança é “na parede, um quadro com sete carinhas louras que pareciam debochar do menino pobre, que também sonhara Natal” (VIEIRA, 2011.p. 17). Importante lembrar que no Brasil a pobreza quase sempre tem cor: preta.

Daé sai da mansão apenas com uma pequena espada do boneco do personagem *He Man*. Talvez para lutar com o que lhe cabe ainda por ser criança.

Vieira não menciona em toda a história o pai de Daé e seu irmão. A matrifocalidade por conta de abandono paterno e a solidão da mulher negra (nas tantas possibilidades do termo) são algumas dessas questões no conto que estamos analisando.

Apesar do título masculino, o foco do texto mantém-se na negritude e na necessidade de ser grato a uma mulher negra. Grato à mãe por, assim como tantas mães negras, conseguir cuidar sozinha filhos. A mãe de Daé está em casa esperando por ele, aflita sem saber que horas e se ele voltará para casa. No conto, a mãe surge em angústia e gratidão do filho e pela existência dele

Continuo buscando a compreensão de como a obra literária em análise neste trabalho e o espaço *sociedade humana* mencionado pela escritora Oyèrónké Oyěwùmí (2016) em matripotência – aqui pensada junto com o conceito de matrifocalidade – auxiliam na reflexão sobre as *Iyepòndá*, senhoras da sociedade, e por quais lugares elas transitam.

O conto intitulado por “Maria Deia” já se inicia com uma noção de espaço de poder: o convento de Santo Antônio localizado no Tabuleiro da Baiana é lugar de “muros altos que não impedem a garotada de escalá-los e fazer dos pomares seus domínios” (p.57). Vizinho ao convento, uma comunidade de lugares pré-definidos em suas tarefas para homens e mulheres, dízimos e cantorias de missas dominicais e feira livre era a paisagem que divisava Maria Deia.

Com uma menina como interlocutora, Maria Deia vai contado de suas histórias pelo lugar; lembrando de infância, de como se defendia do racismo e de violências outras: entre dentadas e unhas, seu corpo era sua única defesa aos nove anos, da adolescência, de quando começa e, depois de algum tempo, para de frequentar o terreiro Cavalão de Oxóssi, da sua paixão por Greg, o rapaz que vendia fogos de artifícios, os bailes e a grande marca daquela época, o roteiro e a produção da peça “Negra República”. Maria Deia, desde Deinha, via tudo e teve fôlego de narrar essa história a partir de suas memórias e vivências.

A narração chega ao ponto em que a comunidade em que vivia Maria Deia se sente ameaçada pela chegada do que parece ser um carro de autoridades e uma iminência de perigo. Cogitando o lugar onde se encontrariam para tentar entender o que ocorria e como se defender se necessário fosse, são apresentadas mais personagens femininas que detinham poder naquele

grupo: Tia Neném, Sá Frontina, vendedora de flores e descrita como “mãos negras e roliças que sabiam transformar feios imprestáveis sacos de plástico de leite em coloridas e delicadas rosas”. A casa dela era onde aconteciam os batuques: dançava-se, cantava-se jongo, fazia-se roda; aos noventa anos e “seus contos de escravidão”. Feirantes, poetas, artesãs: trabalhadoras. Uma comunidade.

Senhoras das próprias vidas todas elas conduzem também as vivências no morro produzindo, entre o particular e o comunitário, um ponto de interseção importante para gerenciamento das histórias nas quais estão sempre resolvendo ou sendo parte importante das tomadas de decisão. Esse papel desempenhado por essas mulheres são importante denúncia à literatura tradicional violentíssima em suas representações, mas também consiste em importante visão sobre a importância das comunidades negras.

4 DO SANGUE DERRAMADO

As violências nos perseguem há muito tempo. Todo tipo de morte, revisitada, mais e mais violenta, individualmente ou em grupos inteiros e sempre pelos mesmos motivos que não se constituem em justificativas ou razões, mas motivadas pelo racismo. E ganha contornos novos mais perversos e atualizados quando cruzadas as identidades que os estudos interseccionais apontam como sendo, cada um deles, um desenho diferente para nos marcar, no peito, um alvo. A política de morte que enfrentamos na sociedade é representada na literatura; morte que dura muito tempo e mata todos os dias; e como insurgimos através do nosso direito de contar os fatos e também do amor através da literatura escrita sobre nós e por nós. Nenhum direito nos foi dado: tomamos, lutamos, trouxemos a versão da vivência, escrevemos.

Esta seção é sobre as mulheres que aparecem nos contos a partir de suas dores. Sobre quem somos a partir de onde viemos enquanto herança; de como nossos corpos pretos são vistos e tratados há séculos, e como a literatura vem se mostrando como proposta de empoderamento a partir da escrevivência; dessa escrevivência que sangra. É sobre o banzo, dor de todos os tempos e que não cessa. É sobre o *èjè*, sangue dos nossos ancestrais, que há muito é arbitrariamente derramado. Essa seção é sobre as mulheres pretas que morrem todos os dias pelas perdas a que são expostas, mas insistem, persistem em renascer na escrita para, de algum modo, manter vivas outras de nós.

4.1 O LAÇO DE SANGUE QUE NOS UNE É A COR DA PELE: COMUNIDADES NEGRAS

Quilombos abrigavam negros e possibilidades de uma vida familiar, um pouco menos dolorosa que a vida de escravizado das casas grandes. Quilombos continuam existindo e se reconfiguram a cada necessidade crescente de novos pactos entre mulheres e homens negros. Penso no movimento diaspórico que traz Zeferina para Salvador no século XIX.

Quem vê hoje os bairros de Pirajá, Cajazeiras, Cabula e São Bartolomeu, na cidade de São Salvador, Bahia, certamente não sabe ou não entendeu que o mocambo principal da rainha, hoje vestígios do que a cidade tinha, outrora foram núcleos de resistência quilombola. Certamente, se Zeferina tivesse podido fazer vale seu lugar de fala, se os registros históricos deste país, bem como os livros didáticos possibilitassem esse espaço de fala, talvez ela dissesse algo como:

Cheguei em Salvador na primeira metade do século XIX. Cheguei pequenina nos braços de minha mãe Amália. Vim num navio negreiro, bicho de madeira e ferro, insensato que navega sobre os mistérios deste enorme mar que também chamamos de cemitério. Caminhos de agonia e dor. Amparada pela tradição ancestral, minha mãe cantava baixinho para Inquices manterem seu equilíbrio emocional. Do mar à mata, amar os nossos e recompor os destroços e devastados corpos diaspóricos. Cresci sabendo, a cada dia compreendendo, que escombros rimam também com Quilombos. Pautada nos saberes ancestrais africanos, reuni índios, negros, mulheres e homens escravizados. Já destruído o Quilombo do Cabula em 1807, chamei também os Nagôs para a luta contra a barbárie que nos destruía dia após dia. Guerra. Morte. Estratégia. Resistência. Quilombo do Urubu, angolana, baiana, gana, fé, inquices, luta, guerrilha, meu sobrenome é mulher negra e meu nome é Zeferina.¹⁹

Mas os capitães do mato continuam suas caçadas desenfreadas e estruturadas de forma perversa e sempre atualizada. Mesmo os Quilombos, verdadeiras forças negras, eram encontrados e negros e negras, por vezes, mortos ou pegos violentamente e reconduzidos às fazendas e casas grandes. Capitães do mato continuam agindo e a maior parte dos Quilombos são, agora, em nosso tempo, favela.

Ainda sobre o conto Maria Deia, é triste, dolorosa, porém necessária a denúncia sobre o plano violento de destruição física e simbólica de uma comunidade e de seus moradores. Era um hotel. O plano das autoridades ali presentes era a construção de um hotel. Um corpo estranho no meio de toda a organização de vida pronta e pulsante. Greg, portador da notícia, levava a

¹⁹Todas as informações sobre o Quilombo do Urubu e Zeferina, bem como o texto ficcional utilizando a primeira pessoa dela foram inspirados num artigo e no poema: O RELATO INSURGENTE DE ZEFERINA DO QUILOMBO DO URUBU do escritor baiano Davi Nunes. Disponíveis em: <https://www.google.com/amp/s/ungareia.wordpress.com/2016/05/13/zeferina-rainha-quilombola-que-lutou-contra-a-escravidao-em-salvador-ba/amp/>. Acesso em: 12 mar. 2020. e <https://www.google.com/amp/s/ungareia.wordpress.com/2017/09/15/o-relato-insurgente-de-zeferina-do-quilombo-do-urubu/amp/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

informação para uma das reuniões que se estabeleceram mesmo no lugar mais reservado da comunidade, “A casa do abajur lilás”. As ideias e a constatação de Jorge Bacurau “Rico não ajuda ninguém.

Os seringueiros permaneceram escravos dos seringais; os madeireiros, das madeiras. Os nordestinos terão que continuar comendo barro: cavando chão com as mãos sangrentas. São os lucros, latifúndios, indústrias, criação de cavalos e firmas imobiliárias, é nisso que elas pensam enquanto remorem suas Ave Marias. (VIEIRA, 2011, p. 64).

A palavra genocídio está mais frequentemente relacionada ao assassinato em massa, ao direito à vida que é cerceado por grupos que se querem hegemônicos e supremacistas. Isso se dá de formas diversificadas e violentamente arquitetadas, mas sempre direcionadas. São várias as formas de fuzilamento. Às vezes somos fuzilados com 80 tiros, às vezes com 111; às vezes arrastadas pela viatura da polícia e, dia após dia, somam-se as mortes pretas, os alvos são sempre os mesmos.

2020 - 2021, o Brasil e todo o mundo estão vivenciando uma pandemia: O novo coronavírus é uma realidade que nos lembra a todo momento que a covid-19 pode sim ser seletiva à medida que governantes decidem as medidas a serem tomadas em cada estado, cidade, bairro. A periferia, as comunidades habitadas em sua maioria por pretas e pretos sofrem mais pela ausência de recursos e precariedade de serviços raramente oferecidos; e, aqui, não menciono qualquer obra a que teriam direito como se vê em outras partes mais privilegiadas socioeconomicamente, mas falo sobre infraestrutura e condições básicas de saneamento, água encanada, luz elétrica e outros direitos que temos pelos iguais impostos que se pagam. Essa também é uma seleção perversa. São muitas as formas de se “regular” a sociedade. A necropolítica²⁰ é uma política de biopoder voltada para o genocídio:

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2017, p. 17-18).

²⁰A origem do termo parte da obra do filósofo, teórico político, historiador e intelectual camaronês Achille Mbembe. Mbembe nasceu na República dos Camarões, país da região ocidental da África Central, no ano de 1957 (63 anos). Atualmente é professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul e na Duke University, nos Estados Unidos. Disponível em <https://www.politize.com.br/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

O racismo, o machismo, as violências direcionadas a grupos específicos por conta de um conjunto de traços identitários que os definem em suas coletividades e os representam enquanto indivíduos consiste em estruturas construídas com objetivos muito definidos em seus alvos. Sempre atualizados, os preconceitos, renovam-se em seus métodos, mas sempre são o retrato das violências cotidianas motivadas pelos preconceitos. Aqui, especificamente, o racismo.

Sobre genocídio, o que está em questão no conto Maria Deia é que apesar de muitos moradores da comunidade terem sido mortos direta ou indiretamente, mas todos, de algum modo, por conta da ambição de indivíduos bem identificados em suas crenças e lugares sociais a destruição da comunidade nos faz refletir de modo mais amplo sobre o que Achille Mbembe (2017) propõe sobre genocídio no que tange à necropolítica.

o poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre vida e morte, como se a vida não fosse o médium da morte. Procura sempre abolir a distinção entre os meios e os fins. Daí a sua indiferença aos sinais objetivos de crueldade. Aos seus olhos, o crime é parte fundamental da revelação, e a morte de seus inimigos, em princípio não possui qualquer simbolismo. Este tipo de morte nada tem de trágico e, por isso, o poder necropolítico pode multiplicá-lo infinitamente, quer em pequenas doses (o mundo celular e molecular), quer por surtos espasmódicos – a estratégia dos pequenos massacres do dia-a-dia, segundo uma implacável lógica de separação, de estrangulamento de vivisseccção, como se pode ver em todos os teatros contemporâneos do terror e do contraterror (MBEMBE, 2017, p. 65).

Genocídio aqui pode ser analisado além das mortes em massa, mas como uma destruição das comunidades pretas a partir de seus lugres símbolos e demais construções, monumentos erguidos e necessários para uma memória de longa duração acerca do que se é e do que se pode manter enquanto traços marcantes de uma existência. Não importa o que ou quem está sendo morto, para o racismo enquanto máquina que move a necropolítica, se for preto deve ser aniquilado. A violência da diáspora africana espalhou pretas e pretos por diversos continentes; separou corpos, famílias, memórias e consciência de coletividade. A necropolítica vigente aqui é da memória da comunidade. Matando a memória, desconstroem-se histórias, vínculos são, por vezes irremediavelmente quebrados e séculos de outras histórias são necessários para reconstrução de autoestima, de afetos, de crenças, de consciências. A necropolítica atualiza-se pelo poder do Estado de regular as vidas, as memórias e escolher o que se apaga e o que permanece. Esses processos se desenrolam à revelia dos principais envolvidos e interessados, nós, alvos dessas violências.

Escrever é uma forma de denunciar e recolher forças a partir da conscientização dos nossos, das nossas. Nem sempre dissertar de modo imparcial toca o íntimo que nos une e, apesar

de tantas investimentos desagregadores promovidos pelo racismo, conseguimos elaborar nossos conceitos, nossas noções e dar existência coerente às nossas histórias.

Lia Vieira (2011) sangra suas palavras quando precisa da poesia e de recursos cada vez mais intensos na estilística, na poesia, a palavra transborda para dar conta de tanta dor pelas quais passam os moradores: “A terra faltando sob nossos pés, árvores para baixo, passarinhos para longe” (p.65): sem morada e sem a poesia da comunidade, sem natureza, tudo ia ficando mais cinza e sem vida. “Dragas cavando á noite quando ninguém vê... Remoções. Negociações ocultas. Um minuto de entrefitar os operários, estes sabem no que nos recusamos a acreditar. E, então, abaixam os olhos.” (p.65). Casas e árvores derrubadas, pregações ideológicas de engenheiro, mais violência. Choros e gritos de desespero, barulhos indescritíveis e um sangrar que só as mulheres como Maria Deia conseguem trazer para a narração. Acabaram com tudo e quase que acabaram também com todos. Dor e sangue. Morre o Morro do Santo Antônio.

Morre Sá Frontina. No *front* da luta, ao lado de Maria Deia, tiros matam Greg: morre um líder que lutava por direitos ao lado de sua líder e também da comunidade. Os tiros tiraram o amor da vida de Maria Deia. Mulheres negras perdem seus companheiros para as autoridades... todos os dias.

Maria Deia e Lia Vieira sangram; as duas contam suas histórias: uma história dentro de outra e as duas se interpenetrando também em tantas vivências, performando com tantas outras mulheres. E a história segue seu caminho de escrivência mesmo quando se finda:

De repente, eu me sinto só como uma loba, que, fora da alcateia é mais ativa, mais feroz, é mais forte e que se compraz com a solidão contida. Estar só não é estar sozinha. Aos meus pés, brinca o menino, que, tem na cabeça rapada, como é moda agora, nestes outros sombrios tempos. Apesar da pouca idade, já tem a estrutura malê, do avô, muito alto como um vara-pau, E, por isto, ganhou o apelido de Marquinhos VP. (VIEIRA, 2011, p. 74).

Este também é o sangue que escrivemos. Nossa vida é sangue.

A primeira pessoa do negro, citada por Cuti (2002), pode ser vista também a partir das narrativas de vida, no reconhecimento imediato do autor pelo leitor, pela coincidência entre sujeito do enunciado e na enunciação, quando se relaciona a identidade entre autor, narrador e personagem. Neste contexto de autoinscrição e autorrepresentação de negritude na literatura brasileira, Lia Vieira e Conceição Evaristo e antes Carolina Maria de Jesus primam pela existência de suas personagens gerenciando as próprias falas, desenvolvendo-se na companhia de outras mulheres negras existindo, de fato, nas próprias vivências e nas memórias em comum que a Ancestralidade nos legou.

Recordar é preciso
 O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos.
 A memória bravia lança o leme:
 Recordar é preciso.
 O movimento de vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente náufraga.
 Mas os fundos oceanos não me amedrontam nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas.”
 (EVARISTO, 2017, p.11.)

Assim, entendemos as nossas negras memórias: repleta de Ancestralidade para que entendamos de onde viemos e quem somos; caso contrário, como poderemos escrever? Essas memórias, vivências que nos chegam através de histórias, precisam estar plenas da pena de nossos ancestrais para que nos asseguremos de que não são arbitrárias, construídas de forma opressora, violenta.

Nossas memórias estão repletas de dor, mas também da certeza de desestabilização, de redefinição dos padrões de construção, porque, desta vez, gerencia-se a própria fala, privilegiando as próprias demandas.

O que podemos fazer entre nós? Somos intelectuais por excelência, por sabedoria, pelas inteligências que promovemos e herdamos, somos reis e rainhas, somos geniais por nossa Ancestralidade. Somos uma imensa comunidade de cor preta e a arma de nossas defesas são ancestrais, e sempre atualizada de acordo com as novas lutas: inteligência-memória, inteligência-ação como Flor de Liz e Aruanda em *Foram Sete* e Maria Deia nos lembram.

Pensar comunidade a partir de Lia Vieira em “Só as mulheres sangram”, é, principalmente, compreender que como diz um provérbio africano “É preciso uma aldeia inteira para se criar uma criança” e a favela se reconhece. A favela é preta.

Numa comunidade que se reconhece irmanada, a família biológica nuclear é apenas a parte inicial do processo educativo. E, por educativo, entendendo, inclusive, consciência racial (preta) e cuidado entre iguais (mulheres).

A contemporaneidade dos estudos sobre mulher e Literatura nos alerta para o fato de que o cuidado entre mulheres é ancestral e que por mais que o feminismo e a *sororidade* nos mostrem um horizonte de possibilidades teóricas e reais na prática sobre direitos, protagonismo feminino, o feminismo acaba nascendo branco e para atender às demandas de mulheres brancas. O direito ao trabalho, ao voto, a liberdade, enquanto nós, mulheres pretas, já trabalhávamos e já tínhamos outras necessidades decorrente do fato de sofrermos racismo. A interseccionalidade nos apresenta nossos atravessamentos para justificar a necessidade de um feminismo negro que

já tem uma série de teóricas e publicações que trazem a necessidade de um pensar identidades negras para melhor alcançarmos os tão sonhados direitos.

O mulherismo africana teoria da estadunidense Cleonora Hudson-Weems, em fins da década de 80, objetivava uma aplicação de uso direto a todos os estudos que se pretendessem representar mulheres afrodescendentes; essa perspectiva nos dá alguma dimensão sobre o repensar dos termos mulher e feminino na medida em que mais ou menos abrangentes dão conta de termos que especificam o caráter da lutar contra as opressões às mulheres pretas.

“Foram Sete” narra a vida simples de moradoras de um morro sem proteção “será que vai ter desova naquela noite?” (p.53), sem água encanada “Devia ser Maria do Balaio deitando fora a água do banho” (p.53), mulheres/meninas como Aruanda e Flor de Liz que, sem segurança e sem saúde, sonhavam em casar com um enfermeiro ou um policial, já que a única proteção ali era a de Seu Sete, “vela acesa para proteger a todas” (p.53), ainda tinham que se defender de violências como as de Seu Safa-Onça - “Branco, macho e rico, seu passatempo era descabaçar menininhas. Assim falavam todos, assim sabiam todos, assim calavam todos.” (p.55) - “buliu comigo dizendo gracinhas. Dei-lhe uma mangada na cabeça e acabei com a prosa dele [...]”. Ele metralhava cem palavras por minuto, tinha fôlego de gato” (p.54-55). Sangra-se muito todos os dias.

O corpo humano, para além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais. Assim, cumpre uma função ideológica, isto é, a aparência funciona como garantia ou não da integridade de uma pessoa, em termos de grau de proximidade ou de afastamento em relação ao conjunto de atributos que caracterizam a imagem dos indivíduos em termos do espectro das tipificações. É assim que, em função das aparências (atributos físicos), alguém é considerado como um indivíduo capaz ou não de cometer uma transgressão (atributos morais), por exemplo. (NOGUEIRA, 2016, p.41).²¹

Isildinha Nogueira (2016) vai além, visto que o seu intento é falar sobre essa visão do corpo quanto se trata de um corpo negro, sobretudo da mulher negra.

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. (NOGUEIRA, 2016, p.44).²²

O corpo da mulher preta sofre uma série de violências perversamente atualizadas desde quando se possa ter notícias e antes mesmo do processo desumano da escravização. Esse

²¹ Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-b-nogueira.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021

²² Ibidem, 2016, p.61.

prolongamento da visão escravagista autoriza um tratamento perverso e sem perspectiva de mudança ou resolução; a denúncia e o exercício do lugar de fala vem trazendo para a literatura brasileira uma visão múltipla e ampliada de como através das nossas vivências podemos combater falas e comportamentos arbitrários e exercer o direito de contar nossas próprias histórias a partir da vida que escolhemos ou quisermos ou ainda conseguirmos ter. Do corpo de uso para violências sexuais e demais torturas ao corpo livre de açoites e que trabalha também para se perceber livre de quaisquer opressões, a literatura onde performamos libertas ou denunciemos as atrocidades revela em “Foram Sete” facetas de uma maldade que se repete, porém também se denuncia.

Foram Sete termina com a narração de um dia em que Flor de Liz volta para casa, após ter recebido o dinheiro da bolsa de alimentação e encontra em casa, sua irmã Aruanda, 12 anos, no escuro da sala, deitada, encolhida no chão. Flor de Liz matou Seu Safa-Onça, mas as pessoas que lá viviam, que moravam nos arredores, diziam que foram sete. Sete homens. Sangue, sangue, sangue...

A escrita a partir da escrivência é a forma que Conceição Evaristo trata a autorrepresentação em escrita auto-ficcional. Lia Vieira (2011) seguindo esses passos, traz o sangue como importante marcador quando se trata de mulheres negras. Escrever com *èjè* é mais que uma proposta para estudo desta obra.

Ainda sobre a entrevista com cedida por Conceição Evaristo (2020) à página *Leituras Brasileiras, um acervo do pensamento brasileiro*²³ (2020), e atenta à sua observação do fazer literário a partir do conceito que ela ergue, a intelectual traz um ponto importantíssimo acerca do assunto: a capacidade de agenciamento dos nossos discursos enquanto pretos, sobretudo nós, mulheres pretas, e o discurso paradoxal da literatura tradicional branca e masculina. Interessante notar na fala de Conceição Evaristo esse estranhamento no que tange à ideia de que não existiria matéria e discurso para a efetivação de uma literatura preta enquanto categoria de escrita, mas sobre nossas tradições, histórias e todo um legado cultural riquíssimo que é negligenciado quando vertemos isso em literatura, pela nossa voz, nossa escrita, pela autorrepresentação que a própria Conceição afirma e reivindica, mas eles, racistas da literatura tradicional, insistem em deslegitimar, em negar e depreciar, porém e contraditoriamente, trazem esses mesmos assuntos como corpo de seus livros e demais trabalhos acadêmicos. Por que nossas temáticas não renderiam livros e os brancos escrevem sobre eles?

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 10 set. 2020

Pensemos sobre as palavras de Spivak (2010) e, sobretudo das palavras de Cuti (2002) sobre agenciamento de fala, sobre o direito dessa representação e o negligenciamento da nossa fala na construção de nossas histórias; pensemos na urgência dessa representação à medida que ela se faz na primeira pessoa do negro. Como dissemos na seção anterior, para Gayatri Spivak (2010), o subaltern(izad)o por não ter espaço de fala, acaba por performar nas representações arbitrárias, promovidas por autores que cerceiam nossas falas e histórias, por negligenciarem nossa capacidade de agenciamento de fala; uma violência epistêmica que pressupõe “a primeira pessoa do negro”, a autorrepresentação, enquanto desprovida de dimensão ideológica.

Cabe aqui a reflexão sobre ser uma negação ao nosso direito de contar nossas próprias histórias pelos questionamentos à nossa intelectualidade. Somos um povo complexo em nossas experiências, o racismo nos ataca com sua política de morte, mas nunca alcançará nosso intelecto, não compreendem nossas epistemologias, pois delas desacreditam assim como da nossa capacidade intelectual. Reflitamos acerca disso e teremos, deste modo, outra questão bastante paradoxal. Ora, se somos tão incapazes como parece acreditar o racismo, como somos tão complexos e rebuscados em nossas artes, histórias, pesquisas científicas e culturas? Como somos tão preciosos e preciosas? Estamos aqui, contando nossas histórias principalmente a partir da escrevivência; e o fazemos a partir dos nossos próprios marcadores teóricos e metodológicos. Subvertemos a ordem que nos querem impor. Somos desobedientes. Somos insubmissas; e se essa escrita tão comprometida com nossas epistemologias segue o fluxo desse *èjè*, pensemos: a construção dessas personagens que são a materialização dessas histórias, também se constituem como um corpo comprometido com nosso legado histórico, com nossas vidas pretas porque assim também se reconhece. E, recuperando a anteriormente mencionada a entrevista concedida por Conceição Evaristo (2020), essa autora que inaugura o termo escrevivência traz à tona esse agenciamento coletivo de forma definitivamente íntima e reveladora para nós, mulheres pretas. Ela descreve uma situação em que, no momento que traça o perfil de uma de suas personagens, aborda uma determinada dor muito específica nos seios da personagem; a autora começa a sentir essas dores. Os corpos se irmanam numa dor que é semelhante, uma dor que é escrita ficcional, mas por ser uma vida possível, uma vida que divide dores em corpos que sangram de modo semelhante possibilita que se sintam a dor da outra. Essa dor que é velha conhecida, pois, à medida que nos envolvemos nessa rede de reconhecimento de vidas e histórias da escrevivência, do sangue-*èjè* -cor da pele começa esse pacto com vivências que poderiam de fato ser nossas, daí a escrevivência, daí o sangue que apenas nós sangramos.

Por fim, sobre essa importantíssima entrevista concedida por Conceição Evaristo (2020), a intelectual nos traz uma cena que ela presencia e que confessa: deseja que se converta em texto literário. Trata-se de um homem bastante jovem que é um "soldado do tráfico"; em posição de sentinela, fortemente armado, esse homem vê seu filho, num movimento joga sua arma para trás e o abraça. Evaristo (2020) diz: "A qualquer momento, aquela cena pode ser transformar em sangue". E aqui ela está tratando de uma outra forma de sangrar. Mas não se trataria também do sangue de uma mulher negra? Mas de que modo? Estamos falando aqui de um homem e seu filho. Como nos lembra a própria Evaristo sobre uma das performances de Elza Soares cantando *Meu guri*, "O guri sou eu". A mãe se faz presente ainda que esteja ausente. Ela, de algum modo, está pelo simples/completo fato de seu filho estar. Ele é porque ela é.

Se para contarmos as nossas histórias precisamos saber quem somos, parece-me importantíssimo que saibamos de onde viemos, entendermos como e desde quando começamos a sangrar; porém, no momento em que entendemos de onde viemos e porque sangramos, em algum momento depois desse marco e um pouco mais a cada dia, compreendemos também como morremos e o sangue perpassa todo esse processo, do sangue que nos inicia a vida ao sangue derramado.

4.2 ÈÈ DAVIDA E DA MORTE ENTRE OS TEMPOS – OS CAPITÃES DO MATO ESTÃO FARDADOS

A escrivência é sobre nossos corpos, a escrita é de uma mulher preta e sua lente de observação que ao mesmo tempo é de experiência; e nesse protagonismo, nessa pele que nos envolve de lugar de fala – não nos esqueçamos de Conceição Evaristo (2020) citando Elza Soares quando ela afirma num show “Eu sou o guri”. Sabemos. As violências nos acometem perversas e atualizadas há muito tempo. Esse *nós*, aqui mencionado, refere-se ao povo preto, sim, mas numa outra situação de violência. Temos sido alvo preferencial para agressões e mortes constantes desde o início da escravização. Foram sete, neste momento, tratará de sete mortes. “*Sete menores são chacinados na Candelária.*”²⁴; “*PM é suspeita da morte de sete meninos de rua no Rio*”²⁵. Com essas manchetes, os jornais impressos e televisivos noticiaram a história que apavorou e revoltou o mundo e ficou tristemente conhecida como A chacina da

²⁴ Disponível em:

https://www20.opovo.com.br/images/app/noticia_132346504881/2014/07/23/3283590/OITD_19930724aa16.jpg. Acesso em 10 mar. 2021

²⁵ Disponível em: <https://constelar.com.br/astrologia-mundial/brasil/chacina-da-candelaria/>. Acesso em 10 mar. 2021.

Candelária²⁶.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1993. 70 pessoas dormiam nas proximidades da Igreja da Candelária. Milicianos que ocupavam dois carros dispararam contra essas pessoas, todas negras e pobres, com intenção de matá-las e assim fizeram, tirando brutalmente a vida de 44 pessoas, entre elas, 7 menores de idade. A história foi recuperada em documentários, episódio de programa de televisão, livros. Atenção para um filme: *Ônibus 174*²⁷; que narra a história de um assalto envolvendo Sandro Barbosa do Nascimento, um dos sobreviventes da chacina da Candelária. O protagonista dessa história que a vida moldou, o homem que a sociedade brutalizou e, que, mais tarde, ao final do assalto que culminou em sequestro, teve sua vida ceifada por policiais. Na época, o *Jornal do Brasil* nos trouxe a informação de que

por volta da meia-noite cerca de 50 crianças de rua dormiam enroladas em cobertores próximo à Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro. Nenhuma percebeu a chegada de dois Chevettes com as placas cobertas por plástico: um táxi, e o outro carro comum, ambos amarelos. Ao perceber que os meninos dormiam, um dos homens fez o sinal para que os comparsas se aproximassem. Em seguida foi o horror. Os homens começaram a atirar indiscriminadamente na direção dos menores. Enquanto muitos preferiram fugir, sete deles que dormiam sobre uma banca de jornais, preferiram ficar imóveis, e foram executados com tiros na cabeça. O local escolhido para a chacina foi a Praça Pio X, centro financeiro e sede de um símbolo sagrado do Rio: a Igreja de Nossa Senhora da Candelária.

Na verdade, a operação começara antes, na Rua do Acre, quando o lavador de carros Wagner dos Santos, de 22 anos, e mais dois menores foram apanhados por dois homens e jogados no banco de trás do Chevette amarelo. Wagner recebeu logo um tiro e desmaiou. Quando acordou estava estirado no chão perto do Museu de Arte Moderna, ao lado dos menores mortos.

As crianças e jovens que viviam nas ruas nas imediações da Igreja da Candelária eram atendidos de maneira voluntária pela Sra. Yvonne Bezerra de Mello. Neste dia, com o pedido de socorro, ela mesma conduziu mortos e feridos no seu carro, depois de uma longa espera pela chegada da polícia.

Muitos dos sobreviventes foram morar debaixo de um viaduto em São Cristóvão e continuaram a serem atendidos pela Sra. Yvonne. Em 1992 o Rio de Janeiro terminou o ano com 424 crimes contra crianças de rua.²⁸

A Anistia internacional, atualiza esses dados e traz a informação de 8 menores mortos pela PM. A notícia também objetiva tratar da situação das crianças cariocas que vivem nas ruas desde então e muito antes da chacina, cobrando uma postura das autoridades. O que, na verdade,

²⁶A chacina da Candelária, como ficou conhecido este episódio, foi uma chacina que ocorreu na noite de 23 de julho de 1993, próximo à Igreja da Candelária, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste crime, oito jovens foram assassinados. O caso foi listado pelo portal Brasil Online (BOL, 2015) e pela Superinteressante (2015) ao lado de outros crimes que "chocaram" o Brasil.

²⁷Referência ao sequestro ao ônibus de código 174 no Rio de Janeiro no ano 2000. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/ha-quase-20-anos-sequestro-do-onibus-174-teve-desfecho-tragico-no-rio.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

²⁸PM é suspeita da morte de sete meninos de rua no Rio. *Jornal do Brasil*, 23 jul. 2011, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://historiaupf.blogspot.com/2011/07/23-de-julho-de-1993-chacina-da.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

é de difícil compreensão visto que “autoridades” vêm sendo as protagonistas das execuções e demais violências às pessoas em situação de rua no Brasil.

Nesta quinta-feira, 23, completam-se 27 anos da Chacina da Candelária, execução de 8 meninos de rua em frente à igreja da Candelária, no coração do Rio de Janeiro. Um crime que chocou a cidade e o país e teve repercussão internacional, pelo qual foram condenados os policiais militares Nelson de Oliveira dos Santos Cunha, Marcos Aurélio Dias Alcântara e Marcos Emanuel. A motivação? Vingança por eles terem jogado pedras numa viatura da PM em protesto pela prisão de um menino que morava na rua.²⁹

Esse fato terrível que mancha de sangue as nossas vivências e marcou para sempre nas memórias o trágico destino da população preta neste país vem, como já mencionado sendo pauta urgente de protestos que acontecem também na arte, no caso da investigação que objetivo neste trabalho, pensar as vidas pretas que têm direito a amor, respeito, numa reivindicação de escrita preta autorrepresentativa que traga as falas de mulheres que sangram todos os dias também pelas perdas sistemáticas que sofremos, que nos faz morrer diariamente e que vê na arte uma possibilidade, uma voz que se anuncia e diz do que apenas nós mulheres preta podemos representar esse sangue, essa escrevivência subjacente à Ancestralidade. Essa dor, esse banzo que não cessa de doer, mas também de mover a escrita que nos mantém com o nosso direito primeiro. Afinal, como nos traz Conceição Evaristo (2014) “Eles combinaram de nos matar, mas 'a gente combinamos' de não morrer”.

A vida envolvendo-se de forma dura nas produções artísticas de grande circulação nacional e internacional; é como se a vida não suportasse ser contada sozinha e necessitasse que a arte, de algum modo, lhe dissesse que sim, que é um fato e precisamos recontar de uma forma que ecoe as vozes e que consigamos dizer às gerações futuras o que houve. Nossa escrevivência tem sido, enquanto lugar de fala, um dos caminhos a que nos demos o direito para denunciar, para dizer como de fato foi, porque nossa arte da escrevivência tem sido a vida como nos chega, como conseguimos vivê-la.

A história inteira, da chacina da Candelária ao episódio do ônibus 174, no Rio de Janeiro nos parece tão difícil de se processar, que talvez por isso necessitamos da literatura não para digeri-la, pelo contrário, para expulsá-la. Daí o compromisso entre literatura e vida de que Conceição Evaristo (2005) nos lembra

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o

²⁹ SILVA, Ludmilla. Da chacina da Candelária até hoje, 27 anos de abandono das crianças de rua cariocas. Anistia Internacional, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.anf.org.br/da-chacina-da-candelaria-ate-hoje-27-anos-de-abandono-das-criancas-de-rua-cariocas/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

... mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. (EVARISTO, 2005).³⁰

Lia Vieira (2011) traz essa inserção a partir da história violenta da chacina da Candelária no livro *Só as Mulheres sangram*, no conto *Operação Candelária* que objetiva, a partir do operador teórico e metodológico escrevivência, narrar cada detalhe dessa operação a partir de um olhar feminino e comprometido com a escrita que se compromete com a vida como nos ensina Conceição Evaristo. A necropolítica denunciada em *Operação Candelária*, nos arremessa à questão da morte de fato, mas também sobre a morte em vida. "O guri sou eu"; trago novamente o texto para que não esqueçamos que a mãe está onde um dia esteve o filho; o filho é a continuidade da mãe, da sua morada-coração primeira. Ainda que o conto em *Operação Candelária* não destaque as mães, elas se fazem presentes em suas perdas, e se fazem ausentes de si por morrerem todos os dias.

Ainda sobre a entrevista anteriormente citada, quando Lia Vieira conversa conosco através do canal Pauta Rio, uma história nos atravessa. Quando perguntada sobre o impacto que a sua escrita causa na vida das pessoas, sobretudo das mulheres pretas, Lia nos conta que, em uma fala que realizou, uma mulher preta a procura para agradecer sobre ter escrito em *Só as mulheres sangram* sobre a filha dela, ainda sobre outro viés em *Operação Candelária*. Ao perguntar sobre quem é a filha dela, Lia Vieira é surpreendida com a resposta: "Marielle Franco". A mãe enxerga a dor de ter perdido sua filha para a violência do assassinato, Tantas mães perdem seus filhos todos os dias e isso está posto no conto referido.

A mãe sempre estará. Está até mesmo onde, fisicamente, não aparece, mas se faz presente. Seja na Candelária, Rio de Janeiro; seja no Cabula³¹, Salvador, indo à escola, arrastada pelo camburão da polícia, tendo a casa invadida, sendo alvejado com 80 tiros dentro do carro da família, indo comemorar o novo emprego dos amigos. Por nada, de graça, em casa ou no meio da rua por polícias que insistem em afirmar: "achei que era um fuzil, mas era um guarda-chuva". Como citado na seção anterior, o projeto do necropoder é a necropolítica.

³⁰ Ibidem, 2005, p.42.

³¹ Como ficou conhecida em todo o país, A Chacina do Cabula, bairro da cidade de Salvador, refere-se a uma ação da PM envolvendo nove policiais que culminou no assassinato de 12 pessoas. Disponível em <https://ponte.org/com-12-jovens-negros-mortos-chacina-do-cabula-completa-5-anos-sem-desfecho/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

A partir de agora, falarei sobre o conto *Operação Candelária*, de Lia Vieira (2011), porém, não posso me abster de mencionar que, enquanto eu pesquisava as referências, as histórias sobre a Candelária, encontrei muitos casos de assassinatos envolvendo a PM e crianças. Este trabalho traz, em muitos momentos, trechos a respeito das mortes que ocorreram de tantas formas e todas tão violentas e dolorosas. O caso do menino João Pedro, ocorrido em maio de 2020, foi o, até então, mas recente e amplamente divulgado pela mídia brasileira. Ele foi morto a tiros pela PM carioca, dentro da própria casa, no bairro de São Gonçalo. Ele tinha 14 anos. Além do menino João Pedro, ainda em 2020, foi assassinada também a menina Ágata Félix. Ela tinha 8 anos de idade. Kauê Ribeiro dos santos e Kauan Rosário também tiveram o mesmo trágico fim: ambos assassinados com 12 e 11 anos de idade respectivamente. A ONG Rio de Paz traz a informação de que 69 crianças foram assassinadas por arma de fogo desde 2007 a maioria envolvendo operações irresponsáveis, violentas e genocidas da PM. Qual a cor da pele da maioria expressiva dessas crianças? Preta. Pesquisando o caso da menina Ágata Félix, pude constatar que apenas um entre os quatro casos de morte até maio deste ano resultou numa denúncia formal do ministério público. 1. Apenas um. E mais uma conta não fecha.

Quantas vezes mais morreremos?

Paulo Roberto de Oliveira, 11 anos (Presente), Anderson de Oliveira Pereira, 13 anos (Presente), Marcelo Cândido de Jesus, 14 anos (Presente), Valdevino Miguel de Almeida, 14 anos (Presente), "Gambazinho", 17 anos (Presente), Leandro Santos da Conceição, 17 anos (Presente), Paulo José da Silva, 18 anos (Presente), Marcos Antônio Alves da Silva, 19 anos (Presente). Por ordem de idade e inscritos agora numa cruz esses são os nomes dos oito meninos assassinados pela polícia no dia 23 de julho de 1993 enquanto dormiam em frente à Igreja da Candelária, Rio de Janeiro.

O conto *Operação Candelária*, Lia Vieira (2011), por seu título, já deflagra uma ação pensada, esquematizada, uma operação policial com um objetivo definido: matar jovens pretos. O cenário inicial é um prédio localizado em área tida como privilegiada da cidade do Rio de Janeiro, silencioso, como marca a autora, um lugar alto para não ser incomodado, alto para não ser descoberto, alto para afastar-se dos socialmente menos/nada favorecidos.

Utilizando, dentro da escrevivência, também enquanto um método, afinal a escrita com esses detalhes e minúcias acerca da vida na literatura nos dá uma perspectiva de investigação dos fatos, proponho uma viagem dentro deste conto que se apresenta para que possamos ler Lia Vieira e entender esse passo a passo de um ato perverso descrito por ela, praticado pela PM. Nos sangrou a leitura do conto, nos sangrará agora o passo a passo deste pensar enquanto

leitoras já que somos parte dessa história, porque, parafraseando Elza Soares, em sua fala já mencionada aqui, “também somos esses gurus”.

E essa história com tantas características que de fato nos levam à escrevivência, que nos traz a perspectiva de como teria sido a chacina real desde os planejamentos da associação secreta grupo *Bestas* - e seus “longos braços que alcançavam os departamentos mais restritos da Comissão de Segurança [...], do Executivo.” (p. 46) que zombavam dos Direitos Humanos e do Estatuto da Criança e do Adolescente. A todas nós, acredito, parece que uma estratégia perversa e frequentemente utilizada pelas instituições do poder público no Brasil é de fato zombar da Constituição e de todo e qualquer documento, regimento. Mas o que esperar de um país que relega a segundo plano até a Declaração dos Direitos humanos? Como pensa a humanidade das pessoas pretas um país que não recorre às memórias, e quando o faz é seletivamente, para entender os processos que motivam os racistas a um prolongamento de um pensamento colonial instituído na tentativa insana de justificar a violência racial? O Brasil selecionou em suas memórias, elegeu e ergueu seus mitos e permanece em estagnação de qualquer efetivação de direitos que não contemplem uma minoria instalada no poder. Tendo tudo isso em vista, nós pessoas pretas temos investido esforços em diversos ramos das artes, das ciências e em diversos outros articulando possibilidades efetivas de discussão, debates e prolongamento de uma memória que nos traz a perspectiva de quem somos, dos espaços que ocupamos e de nossa importância e protagonismo nas nossas próprias existências: autorrepresentação, escrita de nossas vivências, sangue que dança cíclico a dança do persistir, do não morrer, a gira que se perpetua; que se iniciou num tempo que não acessamos e que se reconhece sem fim, pois nosso tempo não é ocidental ou oriental não é uma linha reta no espaço, e, parafraseando Sueli Carneiro³², entre direita e esquerda somos pretas e pretos. Assim seguimos aprendendo com a Ancestralidade, com *Èṣù*, com Leda Maria Martins (2002). E escrevemos.

São difíceis de ler as páginas que nos conduzem, dentro dos planos da organização passado pela a ansiedade de matar, até a execução. Vieira (2011) nos oferece uma descrição pormenorizada que se assemelha a uma filmagem cinematográfica. Dos nomes às situações, passando pelas reações e inquietações perversas, nos permite visualizar as cenas e até imaginar as feições perversas dos protagonistas dessa violenta história: “[...] pergunta Átila, que já não pode esperar”. (p. 46). “Vai acontecer em 48 horas, diz, afinal.” (p. 47). “A operação foi analisada com todo cuidado, detalhe por detalhe.” (p.47). “Vocês não devem rezear fazer

³² “Caros Amigos” n° 35, fevereiro de 2000

barulho, já que a região é deserta.” (p. 49).

“Devemos mostrar de uma vez por todas que sabemos proteger nossas instituições [...] Uma geração que chega à maioria sem um futuro decente, especialmente tratando de jovens negros hostilizados pela própria sociedade [...]” (p. 49): A cautela e a proteção são pensadas apenas para a organização das bestas e quem a ela estiver filiada. Para os jovens pretos prestes a serem executados, absolutamente nada. Jovens tratados como meros ocupantes de um espaço e que não devem estar ali; mas não para lhes oferecer oportunidade de uma vida digna, mas para exterminá-los para esse empreendimento violento que é o racismo. Para que morramos todos; guris que, ao morrer, levam também suas mães vitimadas por todas as violências que circulam a vida preta porque matrifocalmente a sociedade circula e se organiza pelo feminino. Ainda que nem todas sejamos mães, todas estamos aqui pela mulher de onde todos viemos.

“Todos aqui de volta daqui a quarenta e cinco dias no horário habitual. A Operação Candelária vai começar.” (p.50). “Terça-feira, 21 de julho, quarta-feira, 22 de julho...”. “O jornal da manhã seguinte tinha um farto material e riqueza de fotos, depoimentos e especulações sobre a chacina da Candelária [...] Um pequeno quadro inserido nas páginas de anúncio do jornal de maior circulação do país trazia a legenda: “Sucesso na caça às feras. Vitória das Bestas” (p.52): aqui, o sangue é derramado e extrapola, como em outros contos do livro, *Só as mulheres sangram* as páginas da obra literária, é a autorrepresentação e o uso do discurso enquanto poder atribuído por nós a nós mesmos, negros e negras para contar as próprias histórias, uma entre tantas formas de levar a todos os grupos as nossas pautas. As mulheres continuam sangrando neste conto, afinal os meninos assassinados tinham mães, mulheres pretas de toda a sociedade carioca e brasileira que também sangraram junto com eles.

Lia Vieira (2011) nos traz o direito negro-feminino de narrar a história de oito assassinatos friamente planejados por um braço do Estado que devia ser designado à proteção de todo e qualquer indivíduo, mas figura na vida e no conto, como uma ameaça a negros e pessoas em situação de rua. Ela promove, através da sua literatura, essa memória renovada, essa consciência de que nosso sangue jorra, ele é derramado de forma diferente de qualquer outro sangue que não comece preto desde a pele.

As críticas acerca do trato dispensado a nós pretos e pretas aparece nos contos finais da obra de Lia Vieira (2011) como tantas vezes nos são apresentados em sociedade: a partir da exclusão violenta de protagonistas da história que são perversamente ocultados e substituídos por falas desautorizadas que se querem dominantes; Lia Vieira, por vezes, conversa com leitoras (porque no início do livro ela explica que a obra é para mulheres que sangram de

variadas formas) no conto *Provas para o capitão*, ela nos diz como será feita a narração, ela indica que o vai acontecer a partir dali é uma forma de lutar contra o que de modo muito similar e com um tom bastante marcado de crítica da autora acontece na sociedade. *Provas para o capitão* nos conduz a mais que uma reflexão, mas uma ação literária de luta a partir da escrevivência, do sangue que é ancestral, desse sangue que é uma categoria de Ancestralidade como pensa e se guia este trabalho; é sobre o que já sabemos, sobre o que não podemos esquecer: como se dá o trato perverso e genocida destinado às pessoas pretas; como esse tratamento data de muito tempo e não cessa, atualiza-se.

Lendo o conto *Provas para o capitão*, percebemos que Lia Vieira (2011) começa do fato consumado: “o crime elegante” no qual a vítima é um homem muito rico que jogava uma partida de tênis. Para além desse fato, o termo *capitão* nos parece a nós pretas e pretos assustador de uma memória infeliz de nós contra nós, tendo em vista que este “termo-patente” nos chega enquanto um homem preto que ganha poderes perversos se volta contra os quem nem entende como “seus iguais”.

O capitão do mato perseguia, como sabemos, pessoas pretas escravizadas até exaustão quando migravam em fuga para os refúgios quilombos tão difíceis de se reerguer na contemporaneidade; além disso, frequentemente, aplicava-lhes toda violência de castigos físicos. O capitão do mato recebeu de seu opressor o poder para oprimir seus iguais; o entendimento de que esse poder o faria superior ou quem sabe o desejo de manter-se distante do que todos os brancos concordavam não ser nem gente, talvez tenham cegado a capacidade de compreender que ele não era branco; essa negação em se reconhecer enquanto uma pessoa preta; de se compreender enquanto parte de um grupo, continua por parte de muitas pessoas pretas nos dias atuais e sempre foi assim; a não compreensão de que nós pessoas pretas somos uma grande comunidade espalhada pela violência da diáspora e pela perseguição diária dos atualizados capitães do mato é reflexo desse racismo que segue manchando nossos caminhos de um sangue arbitrariamente derramado pelo longo dos séculos. Os capitães do mato seguem perseguindo e matando; eles vestem roupas comuns, ternos, fardas.

Esse desvio ou não entendimento de um sentimento de pertença, esse desvencilhar-se, esse afastamento, se dá, como já mencionado na primeira seção, pelas violências cotidianas empreendidas pelo racismo que nos fazem desconhecer/duvidar de nossas capacidades e genialidades; e segue vencendo em seu intento o projeto supremacista branco de alimentar essa diáspora interna entre nós pessoas pretas.

No conto *Provas para o Capitão* não é diferente. Cezário está preso. Cezário foi acusado de matar um homem branco. Conhecemos Cezário através do depoimento que ele dá, mas Cezário já está preso. Conhecemos os personagens deste conto através dos seus depoimentos por conta do assassinato que inicia a história. Os personagens estão depondo. Cezário já está preso, Cezário é um homem preto; e o que afirmam sobre Cezário, para nós, pessoas pretas, não é novidade, conhecemos o tratamento dispensado às pessoas pretas sobretudo neste país, sobretudo pela polícia.

- E o negro?

- Está preso. Trata-se de um pobre diabo e está muito assustado. Mostrou-se dócil. Não acredito que tenha ousado...

- Jamais acredite em nada, tenente... muito menos num negro. Se ele faz cara de infeliz, se chora e suplica... são sempre teatrais [...] (VIEIRA, 2011, p.77)

Em janeiro de 2020, Rio de Janeiro, a empresária Lorena da Penha precisou ir ao banco Itaú para desbloquear seu cartão de crédito e sacar R\$ 1.500,00. O banco não acreditou que o dinheiro pertencesse a Lorena e, chamou a Polícia Civil que a retirou do local. Além de ter seu dinheiro retido, Lorena quase foi presa. Ela foi acusada de fraude que suas movimentações bancárias eram suspeitas. Lorena é uma mulher preta.

Em fevereiro de 2019, Crispim Terral dirigiu-se a uma agência da Caixa Econômica, na cidade de Salvador-BA. Crispim resolve um problema com cheques sem fundos que foram devolvidos e requerer devolução de um valor indevidamente retirado de sua conta. O gerente do banco o deixou esperando por mais de 4 horas. Ao reclamar da demora, o gerente chamou a polícia que o rendeu e quase asfixiou, na frente de sua filha, filmado por celulares. Todos viram.

Quase foi asfixiado, na frente da filha dele. Crispim é um homem preto.

Minneapolis, Estados Unidos, 2020. O jogador de futebol americano George Floyd é detido e sufocado pela polícia até a morte. “Não consigo respirar”, disse George pouco tempo antes de morrer em frente às câmeras de celular. O mundo inteiro viu. George era um homem preto.

Antes de George, em 2014, em Nova Iorque, Eric Garner, ao ser também detido pela polícia, repetiu 11 vezes que não conseguia respirar, 11 vezes antes de morrer. Eric era um homem preto.

Também em 2014, mas no Rio de Janeiro, Cláudia Silva Ferreira caminhava para comprar alimentos. Foi baleada em uma troca de tiros no local por onde estava passando. A polícia a colocou no porta-malas da viatura. Durante o trajeto, o corpo dela caiu. Ela foi arrastada pela estrada por 350 metros. Filmaram. A imprensa divulgou. Cláudia era uma mulher preta.

Crispim, George, Cláudia, Lorena, A filha de Nicinha, Lia Vieira, Elza Soares. Vida é mesmo escrevivência. As nossas vivências estão definitivamente marcadas por uma escrita-sangue ancestral. Uma escrita-vida cuja tinta é sangue preto; nossa pele nos irmana em nossas experiências.

O que Cezário afirma sobre si nos traz a perspectiva de um investimento da autora Lia Vieira em dar o direito de fala e de defesa própria de Cezário como uma forma de reivindicar a vida, a própria existência, o direito de falar de si e por si que a literatura tradicional sempre ocultou, pois o racismo não pressupõe nossa humanidade.

Vinte dias depois fui efetivado. O chefe, um descendente de alemão legítimo, um neurótico profissional. Ares de vilão escancarado. Minha família enchia a boca: Cezário?

Trabalha na... E o interlocutor babava. Na empresa, eu sempre fui um faz-tudo. Marcava entrevistas com deputados.

Fazia reservas de viagens, contratos de buffets para festas faustosas. O pique era alucinante. Motorista com uniforme à disposição. Ia a todos os lugares e levava sorrisos prontos, elegantes, dúbios, previsíveis, submissos. Abria portas para sujeitos de caras londrinas, asiáticas, latinas. Deus sabe como me insultam, me fazem de idiota. Brincam de mesmo que existas, de tudo mereces existir, depois de tu não existes. Negam a minha identidade. E me julgam e são fortes. Schultz e todos eles. Neuróticos profissionais. Todos, menos Dulce. (VIEIRA, 2011, p.82).

Lia Vieira (2011) prepara-nos para o que virá desde as suas primeiras palavras no conto; ela nos diz que são os relatos compostos de verdades e mentiras sobretudo quando se narra a fala de outra pessoa e como já nos alerta a própria autora de suas narradoras, logo no início do conto: “e o melhor é que cada um dos personagens conte a sua parte de verdade e de mentira (p. 77)”. Igualmente explícito é o que esse modelo representado de sociedade pensa do preto e também da mulher, suspeita do assassinato que move a trama; a esposa da vítima que praticamente não tem direito de fala no texto. É sabido por toda a história e todas as vivências que confirmam cotidianamente a estrutura perversa racista e machista que quando essas duas identidades atravessam um mesmo corpo, o efeito é fatal e cada vez mais frequente; o resultado são todas as mortes pelas quais passam, em vida, a mulher preta, visto que a morte e a vida transitam nossos corpos num mesmo tempo.

- Ele me parece bastante deslocado. Um negro anêmico, sem vontade própria. E aí já não teríamos um crime tão elegante.

Kamel voltou a falar, desta vez bem devagar, mas tentando imprimir nas palavras um tom macio, irônico:

- O negro mente para salvar-se... Seria melhor que o apertasse, que lhe quebrasse alguns ossos e o fizesse confessar. Aquele maldito escravo...

O capitão observou o pai do rapaz e sorriu, triunfante. O velho, então, já perdera o aspecto arrogante, e o rapaz suave, apesar do ar-condicionado.

- Sim, pode ser que esteja simplesmente se defendendo, mas faz isso com mais engenho que o senhor. Quanto a apertá-lo... no momento ele está atrás das grades e já

o sacudimos bastante. Não dá mais. Tudo isso enquanto temos que vir procurar o senhor em sua casa, ao lado do papá... E ainda se queixa! (VIEIRA, 2011, p.85).

As memórias refeitas e ainda vivas da escravidão não param por aí. Lia Vieira nos traz na narração do capitão Vidal toda uma vida que torna o que deveria ser apenas o seu trabalho em retratos atualizados de práticas que descendem da época da escravização negra. As técnicas próprias de investigação envolviam, como descreve a autora Lia Vieira, explosões, palavrões, ameaças e subjugação. Racismo, racismo, racismo.

4.3 “EU AINDA SOU O GURI” E A PELE-ÈJÈ ME SANGRA: UMA DAS FORMAS DE PRESENÇA DA MÃE

A palavra aqui é um caminho para que a Ancestralidade se mostre na diáspora, para que tentemos descansar à sua sombra e sentirmos o seu *àşę*. A conhecida canção *Meu guri* ficou imortalizada na voz forte, bela e marcante de uma de nossas maiores cantoras, Elza Soares, já mencionada neste trabalho, numa fala da cantora durante um show “*Eu sou o guri*”. O título da subseção traz essa discussão para pensarmos a ausência enquanto uma forma de presença. Se ela é o guri, a cor da pele-sangue que nos envolve nos faz voltar também num tempo em que nos colocamos dentro da dor, porque a conhecemos bem, e performamos com a morte a dança dos tempos, encenando a vida-morte entre espaços e corpos que se unem na dor do parentesco em comum. Na canção, a mãe perde seu filho para a vida que ele não teve condições de escolher, mas que se apropriou dele por tê-lo visto como um alvo, nossas peles pretas carregam um alvo visível para o racismo e mortal para nós. No conto *Provas para o Capitão*, Cezário está sozinho, sem defesa, Lia Vieira encontra-se com ele. Mas vamos acompanhar no tempo de que o conto precisa, como se deu essa interação.

Levei a culpa por causa da minha pele negra. Suspensas as averiguações, o capitão me deu uns dólares para eu facilitar o processo, além de atenuar minha dívida para com a sociedade. Ao capitão Vidal não convinha um dândi negro, tal pessoa não podia se encaixar no triângulo de um crime elegante. Suou muito. Criou versão de desfalque e consequente rancor do negro, que acabou por explodir dentro de si o primitivismo de sua raça.

Aqui, atrás das grades, só me resta esperar. Estampidos invisíveis na madrugada, miúdos de morte e redenção. Tudo normal. (VIEIRA, 2011, p.86).

Não há ausência de mulher preta quando uma de nós escreve. Ainda que não aparece em pleno corpo e não se mostre fisicamente. Assim como, a personagem cujo nome não aparece em *Por que Nicinha não veio*, Cezário está sozinho. No conto, Nicinha morre, a mãe, não está presente. Em *provas para o capitão*, outra pessoa preta está também provida de liberdade. Nicinha não virá, nunca mais abraçará sua filha. A escrevivência se coloca justamente na autorrepresentação negro-feminina a partir da literatura.

Rasurando, desobedecendo, sendo insubmissa, subvertendo a ordem arbitrária, entrando na história. Vemos, de forma muito direta, Lia Vieira dentro da história, irmanada, sentindo as dores que o racismo nos provoca. Ela não está presa com Cezário, a autora, que definitivamente escreve, o está libertando pelo sentimento de pertença.

Não viram eles que um crime não cresce com um trovão no horizonte? Não viram eles que o céu, carregado de pressentimentos, se escurece, se cala e se torna cúmplice? Aceitei o mote de negro revoltado. Logica que exige a totalidade histórica de insurreições e motins de sem-terra sem-teto, sem-bens, sem direitos, sem dignidade. Revoltas que antecipam o regicídio e o suicídio, o princípio de equivalência. Distanciam-se do governo constituído, porque o sistema é incompatível com ideias libertárias. O revoltado de ontem se locupletar no poder, delirante de alegria, deslumbramento e excitação. Passa a sufocar levantes, audácias, reivindicações: passa a cultuar riso desolado do indivíduo-rei que ilustra a vitória última do espírito. Não, amados leitores, a complexidade deste crime nada tem de passional, apesar da autointoxicação, da secreção nefasta em um vaso lacrado, de uma impotência prolongada. Existem apenas identificação de destinos e tomada de posição

- Não, capitão, não é uma revolta, é uma revolução. Você, que nada profana não tem a grandeza de um criminoso
- Matá-los, não martirizá-los. (VIEIRA, 2011, p. 86-7).

Lia Vieira (2011) e Cezário, aqui, são como uma mesma personagem em alternância de vozes masculina e feminina. Ela e ele falam de si, conversam com a leitora e desabafam sobre todo o racismo que permeia a sociedade. Escrivência, autoficção e sangue.

As duas identidades aqui nos parecem produtivas para pensar sobre a mulher preta. A nós sempre foi cobrado o posicionamento de força e determinação. Aprendemos a nos defender, mas não nos foi ofertado o amor. Essas características desenvolvidas na personalidade de tantas mulheres pretas nos remontam a vários contos do livro aqui trabalhados e não nos parece difícil identificá-las em sua força-dor que é resultado do racismo e do machismo.

Se em *Provas para o capitão* e *Por que Nicinha* não veio, somos remetidas ao trato dispensado à pessoa preta na figura de Cezário e da moça com nome omitido, mas que vem de muito tempo, nos levando a pensar imediatamente no período de escravização negra no Brasil, contos como *Operação Candelária* nos trazem para violências atualizadas no tempo em que vivemos. É inevitável que para nós pensarmos que os tempos se guiam conosco de outra forma: os espaços se confundem e as práticas persistem, de fato, para nós pessoas pretas os referenciais se organizam de outro modo, tempo e espaço dançam juntos, ultrapassam qualquer possibilidade de contagem cronológica, aqui estão *Àiyé* e *Òrun*, tempo e espaço, todos entre nós, numa confluência com a Ancestralidade, caminhando e se entreolhando nas mesmas encruzilhadas.

E o tempo presente se junta ao tempo passado numa celebração; como *Òrun* e *Àiyé* numa mesma dimensão. Em todas as guerras que travamos e para o entendimento de quem somos a Ancestralidade opera como uma epistemologia que investiga e significa as nossas heranças, o

sentimento de pertença e o reconhecimento de quem somos para que possamos contar as nossas histórias. *Èṣù* percorre todos os tempos e espaços, é conhecedor da comunicação e dos caminhos. *Èṣù* tem o *àṣẹ* que todos os *òrìṣà* precisam para fazer acontecer seus empreendimentos. Ele é a grande energia que tem os pés no chão, cada veia de seu corpo em cada rua das cidades e a mente que liga todos os mundos possíveis.

Encruzilhadas, caminhos a seguir; encontramos-nos, entre pausas e movimentos, nós mulheres pretas, neste mesmo ponto interseccionalmente e nos comunicamos em nossas dores diárias que envolvem essas razões específicas; essa dor que não nos chega como a outros grupos, porque é banzo, não esquecemos porque é mais que uma dor, é um agenciamento coletivo de dor que não cessar de machucar e matar através dos séculos. Em nosso tempo, seguindo em frente, olharemos por alguns momentos e estrategicamente para trás; com mais tempo, olharemos cada vez mais até compreendermos que atrás não está irremediavelmente no passado, mas num ponto da encruzilhada onde os espaços se encontram e convergem para a Ancestralidade que está viva e pulsa no mundo das significações e se rearranja a cada momento para dar sentidos e caminhos às nossas existências pretas; para que não nos esqueçamos de que a Ancestralidade é o conceito, a noção, a chave de leitura, a prática cotidiana e a construção diária que das entranhas nos faz participar, pertencer e continuar existindo e contando nossas histórias.

A Ancestralidade é a árvore frondosa, forte e bela onde vive *Írókò*. Por todos os tempos e espaços *Írókò* está no mundo desde sempre, há muito. Não se guiando por qualquer que seja o marcador de datas ou prazos, carrega consigo as heranças, as lembranças e toda a forma de memória porque é o próprio tempo. Está presente nas ausências e nos esquecimentos, porque detém o controle dos fluxos, as idas e vindas os ciclos, as permanências e mudanças. Não há origem no singular. Os tempos são múltiplos e ocupamos nele todos os espaços. Quando pensamos sobre os tempos enquanto tendo inícios diversos e nem sempre convergentes, podemos assimilar melhor a compreensão de que ele pode se movimentar em muitas direções, de que ele pode ser, inclusive espiralar.

Professora da UFMG, Leda Maria Martins (2002) inaugura os estudos sobre Tempo espiralar como uma estratégia discursiva, metodológica e conceitual para pensar nossas próprias epistemologias na análise das histórias de nossas da dança e narrativas, uma estratégia também de afastamento das narrativas fundacionais da cultura europeia que se querem dominantes pelo desejo de prolongamento de questões coloniais. Martins (2002) nos mostra que a ideia de início, meio e fim, quando pensadas a partir de uma visão eurocêntrica, tende a

nos guiar por uma noção de tempo que não nos contempla em nossa Ancestralidade, de onde viemos enquanto afrodescendentes independentemente de onde estejamos e de nossas crenças espirituais serem ou não as mesmas.

Esse processo de intervenção no meio e essa potencialidade de reconfiguração formal e conceitual fazem dos rituais um modo eficaz de transmissão e de restituição de uma complexa pletora de conhecimentos. No caso brasileiro, os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam uma das mais importantes concepções filosóficas e metafísicas africanas, a Ancestralidade que "constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa..." (PADILHA, 1995, p.10). A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. (MARTINS, 2011, p.83-4).

A literatura preta e feminina, a partir da escrevivência carrega essa Ancestralidade na relação com o tempo a partir do momento em que volta para si, a partir das mais velhas e busca a cura nesses processo de escrita autorrepresentativa que não começa em cada uma, agora, mas num tempo que se faz presente mesmo sendo ancestral porque os tempos se cruzam na sincronicidade dos fatos que se repetem, que se renovam na diáspora.

O tempo já não pode ser compreendido ou mesmo apreendido como nos foi coletivamente doutrinado por questões eurocêntricas; não é possível direcionar-se por epistemologias que não abrigam nossos atravessamentos e ainda assim desejar compreender como se dão as nossas identidades mais profundas. É urgente nos apropriarmos dessa noção de tempo espiralar enquanto entendimento de uma cosmogonia que contempla nossas identidade afro-herdadas. Para Leda Maria Martins (2011):

essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a Ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, de vestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. Para Fu-Kiau Bunseki (1994:33), nas sociedades nicongo, vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como um rolo de pergaminho que vela e revela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instancias temporais que constituem o sujeito. (MARTINS, 2011, p. 84).

Vivemos e morremos em ciclos que perpassam o tempo e já não se veem mais num início e nem percebem um fim, mas que reivindicam esse direito de contar a própria história quando buscam quem veio primeiro não como quem deseja voltar no tempo, mas como quem

anda com Tempo e busca entendimento em *Írókò* de que a sincronicidade dos fatos, o cíclico das ações de escrita feminina, têm em sua proposta essa noção de que o tempo é de fato espiralar, ou seja, ele não segue num contínuo sem variáveis, pelo contrário, a noção de tempo que conhecemos a partir da Ancestralidade nos mostra que os acontecimentos não se dão numa crescente sem possibilidades de variação; essa sincronicidade que nos permite e permitiu também aos nossos ancestrais a comunicação com nossos antepassados num dado momento de um tempo outro; a escrevivência e o entendimento do significado desse *èjè* nos dão a compreensão de que herdamos, de um tempo que paira sobre cada *orí* dos nossos, a consciência de que todos os tempos se fazem presentes pela escrita quando acessamos esses aprendizados; a Ancestralidade esteve “no antes” e persiste também aqui pela sincronicidade em que Literatura e Tempo dançam numa coreografia incessante em volta de *Írókò*.

O tempo e a comunicação entre indivíduos de uma mesma origem em um tempo que não obedece a vida e morte em sequência, mas como um ciclo ou uma encruzilhada na qual todos os caminhos podem, mesmo divergindo, convergir porque na comunicação de *Èṣù*, por exemplo, cada caminho é um espaço e cada espaço se faz encruzilhada porque se comunica com outras possibilidades. O tempo não pode ser uma linha única e reta, sem desvio. O tempo dança como nossa Ancestralidade e se desloca em muitas direções e possibilidades de movimento e espaço. O tempo é de fato espiralar assim como a memória e as construções identitárias, pois não se dão em movimentos e sentidos únicos.

A memória dos saberes dissemina-se por inúmeros atos de performance, um mais além do registro gravado pela letra alfabética; por via da performance corporal-movimentos, gestos, danças, mímica, dramatizações, cerimônias de celebração, rituais, etc. a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural. Assim, na oralitura dos Congados, o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória, "um lugar de transferência, ... um espelho que contém o olhar do observador e o objeto do olhar, mutuamente refletindo-se um sobre o outro." (ROBERTS, 1996). Os Congados nos testemunham que, assim como não há uma reminiscência total, absoluta e eterna, o esquecimento também é da ordem da incompletude. Nas genealogias de sua performance, os congadeiros irrigam os pergaminhos da História e nos restituem um sujeito que, clivado de memória, cartografia, com seu corpo negro arlequina do, os muitos matizes da cultura brasileira e dos territórios americanos. (MARTINS, 2011, p.89).

Assim como na dança, a escrevivência performa as vivências através de corpos autorrepresentados num agenciamento coletivo. Essas vivências são grafadas na escrita de mulheres pretas encenando situações, vidas autoficcionalizadas que poderiam ser as vidas de muitas mulheres pretas pelos atravessamentos comuns a todas nós pelas nossas interseccionalidades, que apesar de nossas vidas individuais, são marcas que nos identificam, que nos permite sangrar

da pele para fora, mas também para dentro as mesmas situações duras de um cotidiano racista e misógino que nos fere diariamente.

Lia Vieira (2011) se utiliza de vários recursos para mencionar o tempo. Em *Operação Candelária*, inclui datas e locais, nos dando conta de cada ação da narrativa. A Escrivivência da sua escrita percebe dos frios movimentos deste massacre real. Esse recurso de escrita, essa metodologia utilizada pela autora nos faz pensar em como Evaristo nos ensina da escrivivência. Lia Vieira inicia *Provas para o capitão* com uma morte; depois com os depoimentos acerca da investigação desse crime. Neste conto assim como outros no livro – Rosa da farinha e a fala da neta da narradora, a busca pelo encontrar-se a partir da sua mais velha; a história dos moradores da comunidade e a destruição de seus bens maiores seja materiais ou imateriais - tudo gira num tempo que muitas vezes se guia num ritmo próprio que não se direciona pelas epistemologias que se querem dominantes e violentas, que em nada nos representam enquanto pessoas pretas, oriundas do mesmo continente mesmo que tão separadas hoje. Mas seguimos escrevendo, sangrando coletivamente nossas vivências através da escrita porque ela é ancestral assim como nossas origens, como todos os nossos começos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU RECOMEÇOS CÍCLICOS: É TEMPO DE EPISTEMOLOGIAS PRETAS - NOSSO SANGUE, NOSSA ESCRITA, NOSSA INSUBMISSÃO

Só as mulheres sangram é um livro de contos escrito por uma mulher preta que, assim como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Miriam Alves, investe na escrita negro-feminina enquanto uma forma exercer o direito que nunca nos deveria ter sido retirado – falar sobre nós. Inscrevendo-se na própria história e entendendo-a enquanto agenciamento coletivo, a Escrivivência escrita com Sangue tem na Ancestralidade preta uma ferramenta teórica e metodológica potentíssima de uma categoria epistemológica que nos possibilita através da literatura, falar de nós sabendo quem somos nós. Èjè é categoria de Ancestralidade. Essa tinta-sangue que escrevemos porque sabemos do sangue que é a cor da pele que nos liga desde a primeira mulher preta; esse èjè é Ancestralidade; conhecemos dela mesmo sem alcançá-la porque é inefável, mas a vivenciamos quando entendemos de onde viemos e o que nos liga.

Quando aparecemos com justeza, a autora está perceptivelmente nos ensinando um dos caminhos possíveis para a representação positiva; quando são relatadas as formas violentas com as quais somos representadas ou esquecidas, ela está denunciando. De todo jeito, se escrevemos, estamos exercendo o direito de contarmos as nossas histórias seja a partir do que queremos, seja a partir do que não precisamos mais que aconteça; estamos tomando o nosso espaço que são todos os espaços que desejamos, estamos indo de mãos dadas com o tempo porque nosso tempo vem de muito longe, ele é ancestral, por isso, nosso tempo é sempre. Essa escrita não é mera reprodutora de uma sociedade que, no centro de suas decisões políticas, nos quer em posição de vantagem ou mesmo de justiça, sabemos que não funciona assim, e é justamente por isso que escrevemos, para protagonizar as denúncias ao passo que nos colocamos no nosso devido lugar historicamente e subjetivamente. Essa escrita performa a negritude em vários espaços, em diversas situações do cotidiano. Ela diz de uma população preta, de um povo preto que sobretudo, no que tange a nós, mulheres, pode estar em qualquer espaço que deseje, que sinta e saiba que necessita estar. A vida difícil e sem espaço de autoapresentação, como tem sido até pouquíssimo tempo, mostra-nos que esses espaços estão sendo aberto a golpes de faca e tudo mais que corte com as lâminas de nossas inteligências e que lutamos para que não nos corte mais a carne.

A consciência de Ancestralidade nos dá instrumento de fala, de escrita, de posicionamento também através da arte na vida e na vida comprometida com a escrita que está comprometida com a vida, como nos ensinam Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lia Vieira; de que nosso tempo é de antes, de agora, de Sankofa; não linear, a vida e escrita dançando cíclicas como nos lembra Leda Maria Martins (2002); que não se submete a violentas epistemologias que se querem dominantes como não nos deixa esquecer Nilma Lino Gomes (2010); que sangra como sangram as mulheres pretas como sabemos; que esse sangue e essa escrevivência são pretas porque são ancestrais como se propôs a refletir esse trabalho.

Vemos a importância da escrita e dessa vida que giram com o *şiré* dos aprendizados que datam de longínquos tempos; que se encontram nas encruzilhadas pelas quais passamos e deixamos cada *ẹbọ*; que vemos com a nitidez de quem está perto, mesmo com a distância de quem não atinge a Ancestralidade, pois esta é inefável, um ser inteiro ébano e indivisível que traz e conduz os aprendizados em cada veia-rua de nossas vidas, que tem a cabeça no *Ọrun* onde moram todos os céus, mas que tem seus pés no chão. E como num piscar de olhos, acordamos do que parece um sonho de proporções inimagináveis, despertando para a consciência de nós dentro de um todo infinitamente maior, e vemos todos os nossos

ensinamentos, pedidos e mensagens, chegando a *Olodumare* e eis que entendemos que entre espadas, *abẹbẹ*, *ẹjẹ*, performances, escritas e origens, entre tudo o que nos antecedeu, movemo-nos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais)
- BARBOSA, Marcio (Orgs.). **Cadernos Negros: três décadas**. São Paulo: Quilombhoje/Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial, 2008.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- COLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. p. 99-127. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 12 abr. 2021.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, 06 mar. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 12 mar. 2021.
- CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. Maria do Carmo Lana Figueiredo e Maria Nazareth Soares Fonseca, (Org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: editora PUC-MG&Mazza. 2002. p. 19-36.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Eu quero escrever um livro sobre literatura brasileira. 2013. Infográfico. Disponível em: <http://arquivo.pontoeletronico.me/2013/02/18/eu-querer-escrever-um-livro-sobre-literatura-brasileira/>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- DALCASTAGÈ, Regina. **Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2012.
- DAVIS, Angela. Mulheres, Cultura e Política. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2017.
- DELEUZE, Gilles. A Literatura e a vida in: **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Editora 34, 1997. p. 11-17.
- DELEUZE, Gilles. **Kafka**, por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis & Elisângela Aparecida Lopes. **Conceição Evaristo: literatura**

e identidade. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 10 set. 2020.

DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabela Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós** – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. *In: Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. p. 99 -110.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe:** um dos lugares de nascimento da minha escrita. 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *In: Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, Agosto, 2005. p. 52 – 54.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da Afro-brasilidade: História e Memória. *In: Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº 23, novembro 2008. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/%E2%80%A6/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 10 abr. 2018.

EVARISTO, Conceição. Leituras Brasileiras, um acervo do pensamento brasileiro. Conceição Evaristo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 10 set. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra:** uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (mestrado) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 10 set. 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? *In: SOUZA, Florentina & LIMA, Maria Nazareth Lima (Org.). Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos AfroOrientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 9-38.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro; Graal, 1992.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé:** ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

GAMA, Lúcia Barros. **Kosi ejé kosi orixá:** simbolismo e representações do sangue no candomblé. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1116>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

GARRAMUÑO, Florencia. A literatura fora de si. *In: GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos*. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco, 2014. p.

31-48.

GOMES, Nilma Lino. O intelectual negro e seu lugar no contexto acadêmico brasileiro. In: Santos, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo Cortez, 2010. p. 419 – 441.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. 1984. p. 223-243.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). Apontamentos e notas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do cárcere** vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 13 – 53.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte; UFMG, 2003.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** n.16. Brasília jan./abr. 2015. p. 193-210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608> . Acesso em: 11 de abr. de 2021.

hooks, bell. Representação, sentido e linguagem. In: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/Apicuri, 2016. p. 31-56.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 11 de abr. de 2020.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MARTINS, Leda. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 61-86.

MARTINS, Leda. Performances do Tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (orgs.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002. p. 69-92. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/site/elivros/Performance,%20ex%C3%ADlio,%20fronteiras%20-%20err%C3%A2ncias%20territoriais%20e%20textuais.pdf>. Acesso em 12 abr. 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo. São Paulo: n-1 edições, 2017.

RIBEIRO, Esmeralda. Apresentação. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO,

Esmeralda (Orgs.). **Cadernos Negros: literatura afro-brasileira contemporânea / Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literature**. Trenton, NJ: Africa World Press, 2008. p. 197-199.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, 2008. p. 287-324. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. **O corpo da mulher negra**. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, no 135, 40-45.2016. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-bnogueira.pdf> Acesso: 24 jan. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da Ancestralidade**. 2001. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em 08 mar. 2020.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]**. Tradução para uso didático de OYĚWŪMÍ, Oyèrónké . Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento. Disponível em: [https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20E%20Ìy%C3%A0%20nos%20conceitos%20filos%C3%B3ficos%20e%20institui%C3%A7%C3%B5es%20sociopol%C3%ADticas%20\[Iorub%C3%A1s\].pdf](https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20E%20Ìy%C3%A0%20nos%20conceitos%20filos%C3%B3ficos%20e%20institui%C3%A7%C3%B5es%20sociopol%C3%ADticas%20[Iorub%C3%A1s].pdf). Acesso em 09 abr. 2021.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2012.

SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983, Coleção Tendências; v.4.

SOUZA, Lívia Maria Natália de. E mereço ser amada. Favela Potente, 11 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/>. Acesso em 06 de fev. de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRUTH, Sojourney. **E não sou uma mulher?** Trad. Osmundo Pinho. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 11 abr. 2018.

VIEIRA, Lia. In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). **Cadernos Negros 15: Literatura afro-brasileira contemporânea** São Paulo: Quilombhoje.1992. (poesia). 1992. p. 58.

VIEIRA, Lia. **Só as mulheres sangram**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.